

Greve em Todos os Portos Nacionais: Solidariedade Aos Estivadores

Texto na 2ª página

Lacerda Promove a Carestia: Aumento Das Tarifas de Ônibus

Texto na 6ª página

"Aliança Para o Progresso" Quer o Xisto Brasileiro

Em gestões realizadas no Brasil, como emissária da "Aliança para o Progresso", o comandante Bridges da Marinha norte-americana ofereceu à Petrobrás um empréstimo de 7 milhões de dólares para a exploração do xisto brasileiro, desde que a direção dos trabalhos fosse entregue a um ianque (leia na 3ª pag.)

GRANDES MANIFESTAÇÕES PARA COMEMORAR O 40º ANIVERSÁRIO DO PCB

EM TODO o país estão sendo preparadas manifestações populares e atos públicos para comemorar o 40º aniversário da fundação do Partido Comunista. Nas capitais dos Estados e principais cidades do país os atos adquirirão caráter de grandes manifestações públicas de solidariedade e apoio à campanha pelo registro eleitoral do partido dos comunistas, destacando-se entre elas as que se realizarão na capital paulista (no Pacaembu) e em Niterói (no estádio Caio Martins).

FESTA NO CAIO MARTINS

Guanabarrinos e fluminenses comemorarão o aniversário do Partido Comunista, fazendo realizar, no próximo dia 25, a partir das 16 horas, uma grande festa popular no Estádio Caio Martins, em Niterói, com a presença de Luiz Carlos Prestes. Da solenidade participarão também destacadas personalidades da vida política do país, entre elas os deputados Tenório Cavalcanti, Vasconcelos Torres, Aarão Steinbruch e Jona. Bahiense. O governador fluminense Celso Peçanha também comparecerá à grande festa popular.

EDIÇÃO ESPECIAL DE NR

NOVOS RUMOS, comemorando o aniversário do PCB, circulará no próximo dia 22 com um suplemento especial dedicado à data. Os pedidos de aumento de quota para essa edição, dos agentes e vendedores, assim como das comissões de comandistas, deverão ser feitos à gerência até o próximo dia 21.

LIVRO DE ASTROGILDO PEREIRA

Por ocasião das comemorações do aniversário do PCB será lançado o livro do escritor Astrogildo Pereira, FORMAÇÃO DO PCB, trabalho sobre os origens e os primeiros anos do movimento comunista no Brasil.

Defesa da Dignidade Nacional Exige a Suspensão da Viagem de Jango Aos Estados Unidos

A pressão do Departamento de Estado, a onda de injúrias formuladas pela imprensa, personalidades do governo, deputado e senadores ianques contra o Brasil, estão a exigir uma resposta à altura do governo brasileiro. Uma resposta como a que foi dada corajosamente pelo governador Leonel Brizola, pelo general Pery Bevilacqua e por dezenas de patriotas em todo o país.

O que ocorre, entretanto, é a tentativa de conciliação com os que insultam o nosso povo. Esse é o verdadeiro sentido da anunciada viagem do presidente Goulart aos Estados Unidos, viagem que deve ser suspensa como o exigem a dignidade nacional, o sentimento do povo brasileiro. A esse respeito, leia matéria na 3ª página e o editorial.

Pery Com Brizola e Contra Intervenção Norte-Americana

Texto na 3ª página

NOVOS RUMOS

EDIÇÃO PARA GUANABARA

ANO III — Rio de Janeiro, semana de 16 a 22 de março de 1962 — N.º 161

Divulgação de NR: grandes êxitos

Vicente Luciano de Freitas e João Rodrigues Rino, de Tatuí (SP) e Norte do Paraná, são verdadeiros campeões da distribuição de NOVOS RUMOS. Com sua intensa atividade e seu grande espírito de iniciativa, aumentaram em 600 e em 900%, respectivamente, as vendas que sozinho realizam de nosso jornal. São excelentes exemplos na campanha de aumento de divulgação, da qual publicamos alguns números na terceira página desta edição.

BRASIL E A CONFERÊNCIA DE GENEBRA

Acha-se reunida em Genebra a Conferência dos 15 países sobre o desarmamento. Tanto pela experiência remota e recente, como pelo quadro que o mundo de hoje apresenta, é desde já compreensível que terão de ser vencidas dificuldades não pequenas antes de ser obtido o acordo pelo qual anseia a humanidade. Obstinadas em manter posições condenadas pelo desenvolvimento histórico e por isso mesmo insustentáveis, as potências imperialistas se têm sistematicamente recusado a aceitar as sucessivas propostas de desarmamento feitas pela União Soviética, desde a antiga Liga das Nações, e mantidas atualmente pela URSS e os países socialistas. Não obstante, dado o incomensurável poder destruidor dos armamentos modernos e também dada a tremenda sobrecarga representada para todos os povos pela sua fabricação e pela manutenção de enormes efetivos militares, existe a fundada esperança de que em Genebra possam ser dados passos efetivos para alcançar os homens que desejam simplesmente viver e progredir em paz. Esse anelo está substancialmente na proposta feita pela União Soviética diante da Assembléia Geral da ONU no sentido de que todos os países concordem em efetuar um desarmamento geral e completo, afastando para sempre a ameaça das guerras que pesa sobre a humanidade.



Acampamentos Abalaram a Estância

Iniciamos hoje (8ª pag.) a publicação de uma série de reportagens de nosso companheiro Rui Facó sobre a formidável movimentação dos camponeses sem terra no Rio Grande do Sul nas últimas semanas. Sarandi e Canoá, as primeiras fazendas objeto de desapropriação pelo governo Brizola, constituem hoje apenas símbolos de uma vigorosa marcha do campesinato gaúcho pela terra.

LIGHT JOGA COM AUMENTO DE SALÁRIOS PARA OBTER NOVO AUMENTO DE TARIFAS

Texto na 2ª página

LATIFUNDIÁRIOS E JAGUNÇOS DISSOLVEM A BALA REUNIÃO DE CAMPONESES NA PARAÍBA

Texto na 7ª página

MILHÕES EM UISQUE E FANTASIA NAS FESTAS DO "SOCIETY"

Carnaval de Ouro em País de Miséria

Na 5ª página, através de um reportagem diferente sobre carnaval. Contando a história das festas milionárias, o texto também mostra a realidade de uma sociedade incapaz historicamente de levar o país ao progresso e a emancipação.

Sid Sampaio

viola as

liberdades

Texto na 3ª pag.

Fazer o Que, em Washington?

Almir Mator

POUCAS vezes terá sido o nosso País alvo de uma campanha mais insolente e humilhante, no campo internacional, do que essa que está sendo mantida pelos círculos financeiros e homens do governo dos Estados Unidos, como resposta ao ato patriótico do governador Leonel Brizola de encampar a Companhia Telefônica Nacional — um dos inúmeros tentáculos do polvo imperialista International Telephone and Telegraph Corporation. Todo o enorme aparelho propagandístico e de pressão diplomática norte-americano voltou-se contra o Brasil numa avalanche de insultos e ameaças que, sendo um ultraje à nossa Pátria, é ao mesmo tempo um desafio aos sentimentos nacionais de todo o povo e à sua capacidade de defender e fazer respeitada a soberania brasileira em face de tais insolências.

COMO nos tratam os jornais dos trustes ianques, os senadores milionários de Washington e o petulante secretário de Estado Dean Rusk? Como um mendigo mal agradecido e um servil irresponsável. Rusk chega ao deslumbre de pretender que o consultemos quanto à "oportunidade política" de atos cuja decisão depende unicamente de nossa própria soberania. Já os tubarões da IT&T, vilipendiando a justiça brasileira, se arvoram o direito de determinar condições para a encampação. Por sua vez, os senadores dos monopólios, por trás de cujos mandatos está sempre uma inconfessável história de crimes e venalidades, despejam sobre nossas cabeças toda uma enxurrada de afrontas e provocações, exigindo historicamente que se ponha termo à "generosa ajuda" prestada ao Brasil. E quando intervem o próprio presidente Kennedy, em tom de hipocrito "apaziguamento", e para advertir não que o Brasil é um país soberano, mas uma "posição vital" aos interesses dos Estados Unidos.

TUDO isso constitui, sem dúvida, uma dura lição para milhões de brasileiros, particularmente para aqueles que se deixavam ainda enganar pelos cantos de sereia de uma propaganda sistemática e maciça, agora dedicada sobretudo à exaltação da chamada Aliança para o Progresso. Está aí em que consiste essa "Aliança": uma esmola (dada, de resto, com uma parte dos recursos arrancados de nosso próprio povo) para que o pedinte se submeta eternamente à passividade e à humilhação. Em nome dessa dívida — ou da ameaça de retirá-la — teremos que concordar em ouvir o benfeitor Dean Rusk sobre a "oportunidade política" do mais singelo ato de soberania nacional, da mais impetuosa decisão em benefício de nosso povo.

FOLSE, entretanto, o tempo em que os entreguistas e os conciliadores podiam ainda com algum êxito apresentar como simples "mal-entendidos" fatos dessa natureza, que refletem precisamente a essência do imperialismo e de sua política em relação aos países que se acham em sua órbita. Hoje, existe uma consciência nacional bastante desenvolvida e em acelerado processo de amadurecimento. E essa consciência nacional não somente repele indignada as afrontas dos trustes ianques — de sua imprensa, seus senadores e seu governo — mas, além disso, compreende que do rompimento com toda submissão, aberta ou dissimulada, em relação ao imperialismo dependem, antes de tudo, a plena afirmação de nossa soberania e a efetiva solução de nossos problemas econômicos e sociais.

POR ISSO mesmo e que nenhum sincero patriota pode concordar em que, nas atuais circunstâncias, insista o presidente João Goulart em fazer a sua anunciada visita aos Estados Unidos. Não é necessário que se tenha qualquer malícia política para chegar à conclusão de que essa será uma viagem humilhante para o Brasil. Que vai fazer em Washington o sr. Goulart? Prestar satisfações a Kennedy, ouvir do sr. Dean Rusk preleções sobre "oportunidades políticas", apaziguar os senadores Dirksen e Russel Long, pedir que se mantenha a "ajuda" ao Brasil? Mas não é isso o que o povo brasileiro, com todo o direito, exige do chefe de Estado e do Governo. Não temos que dar explicações, mas sim de reclamar desculpas pelas afrontas que vêm sendo lançadas contra o nosso País. Estamos obrigados, e a interpor Washington, de Governo para Governo; com que direito o secretário de Estado pretende determinar a "oportunidade política" de decisões que competem exclusivamente aos nossos próprios governantes? E mais do que isso: temos de colocar definitivamente sobre bases de absoluta igualdade, não ingerência e (Conclui na 5ª pag.)

Dia Internacional da Mulher:

Homenagens

Grande número de mulheres compareceu terça-feira, dia 13, ao salão do Sindicato dos Bancários para a solenidade promovida pela Comissão Feminina de Intercâmbio e Amizade em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

Trinta mulheres operárias, escultoras, cantoras, musicistas, professoras, aeroviárias, diplomatas, escritoras, funcionárias, artistas de rádio, teatro, televisão e cinema foram distinguidas pela comissão em virtude das posições destacadas que assumiram em seus diversos ramos de atividade.

Mulheres de grande projeção na vida cultural brasileira compareceram ao ato, destacando-se, entre outras, a escritora Enilda, a pintora Djanira e a atriz Vanja Orlic.

Na foto, aspecto da solenidade.

Greve em Todos os Portos Nacionais Conspirações Divisionistas de Solidariedade Aos Estivadores

Roberto Morena

Trabalhadores de todos os portos brasileiros continuam firmes na greve parcial que iniciaram na manhã de quarta-feira de cinzas, acompanhando os estivadores no seu protesto contra o ato do Conselho de Ministros, suspendendo a execução das resoluções 2.132 e 2.133, constantes do Boletim 320, da Comissão de Marinha Mercante.

O movimento, que se estende aos 61 portos nacionais, e que se restringe à paralisação do trabalho nas horas extras — cerca de oito horas diárias — poderá evoluir para uma greve geral, com a possível adesão dos ferroviários e marítimos, caso até o dia 20 do corrente não seja encontrada uma solução para o problema criado pelo ato arbitrário do Conselho de Ministros, por pressão de armadores estrangeiros, que implica numa diminuição de cerca de 40% nos salários dos estivadores.

E que realiza-se na cidade do Recife, de 15 a 20 do corrente, a I Conferência Nacional dos Estivadores, que contará com a participação de representantes da Federação Nacional dos Portuários, Federação Nacional dos Ferrovieiros, Federação Nacional dos Marítimos e União dos Portuários do Brasil, entidades pertencentes ao Pacto de Unidade e Ação que decidiram, ali mesmo, o que fazer, caso perdesse a ameaça de corte nos salários dos estivadores.

PRESSÃO ESTRANGEIRA
Durante longos anos os estivadores lutaram pela abolição do sistema de remuneração discriminatório a que estavam submetidos. Conseguiram, após muito empenho, que as autoridades examinassem o assunto, e concluíssem pela necessidade de regulamentar a questão, o que foi feito através das resoluções 2.132 e 2.133, constantes do Boletim 320, da Comissão de Marinha Mercante, publica-

do no "Diário Oficial" de 17 de novembro de 1961. Ditas resoluções, como verificamos, dão um tratamento igual às empresas nacionais e estrangeiras. Mas os estrangeiros, capitaneados pelo centro dos armadores de Nova Iorque, não admitiram operações sem privilégios. Desencadearam uma vasta campanha publicitária e de pressão sobre o governo brasileiro. Este, representado pelo seu Conselho de Ministros, cedeu vergonhosamente, determinando a suspensão, por 60 dias, da execução das referidas resoluções. Eis as resoluções:

A de número 2.132 — "determina que, para efeito de remuneração por cubagem ou peso das mercadorias procedentes do exterior destinadas ao exterior deve ser adotado o mesmo critério estabelecido para pagamento de cabotagem no movimento de cabotagem."

A de número 2.133 — "equipara os valores das taxas de estiva das cargas classificadas como carga geral, que por força do Boletim 205 tenham seus fretes calculados por metro cúbico, aos valores das taxas estabelecidas por carga geral estivada por tonelada."

Essas duas resoluções, que estendem aos estrangeiros as obrigações que são das nacionais, há muito tempo submetidos, não foram aceitas pelos poderosos grupos de armadores estrangeiros, que acabaram fazendo o governo brasileiro recuar.

PRIMEIRA VITÓRIA
Mas a ação do governo encontrou uma reação imediata dos trabalhadores. Todos entenderam que o golpe contra os estivadores poderia significar o início de uma ofensiva geral contra as demais categorias profissionais que, mais cedo ou mais tarde, viriam a sofrer também os seus direitos liquidados, caso não reagissem a altura.

Em 28 de fevereiro, às vésperas do Carnaval, o Conselho de Ministros suspendeu a execução das referi-

das resoluções. Os líderes sindicais denunciaram o golpe. Os membros do Pacto reuniram-se e decidiram promover um movimento de advertência às autoridades. O movimento teve início em todos os portos nacionais, sem exceção, na última quarta-feira de cinzas. Desde então — nem estivador nem portuario realizaram serviços extraordinários. Essa primeira medida teve ampla repercussão, todos os portos tem suas atividades paralisadas durante cerca de oito horas diárias.

A ação dos trabalhadores registra sua primeira vitória: o ato do Conselho de Ministros continua sem efeito, porque até hoje não foi publicado. As autoridades sabem que a sua publicação, ante o êxito total da greve parcial, poderá determinar a eclosão da greve total em todos os portos nacionais, com a possível adesão de marítimos e ferroviários que sentem, como os demais trabalhadores, a gravidade da situação.

DADOS FALSOS

Para melhor justificar o seu vergonhoso recuo ante a pressão das empresas estrangeiras, o governo utilizou-se de dados falsos por elas mesmas fornecidos, segundo os quais a aplicação

ção das resoluções 2.132 e 2.133 determinaria um acréscimo de 8 a 10 dólares nos fretes das operações por tonelada. Os líderes dos estivadores arrasaram essa argumentação provando, com documentação farta, que as despesas decorrentes da aplicação das referidas resoluções não ultrapassariam a casa dos cinquenta centavos de dólar. Isso foi comunicado ao Conselho de Ministros e ao presidente da República, que prometeram reexaminar o problema.

UNIDADE
O mais importante de tudo isso é que o ato do Conselho acelerou o processo de unidade entre portuarios e estivadores em todo o território nacional.

Em assembleia continua realizada na noite do último dia 13, na sede do Sindicato dos estivadores, na qual falaram nada menos de 25 oradores, exaltando o significado daquela primeira assembleia que reuniu especificamente os portuarios e os estivadores da Guanabara, um antigo estivador salientava, emocionado: "Somos dois irmãos que, embora moirando um ao lado do outro, durante longos anos, nunca se visitaram. Estou emocionado com essa vi-

sita, que marca um passo a frente na nossa grande unidade."

Um trabalhador portuario, montador de linha-ferrea, salientava: "Meus companheiros, vou dizer uma coisa para vocês: meus filhos estão perdendo um pedaço de pão diariamente, porque eu não estou mais trabalhando as horas extraordinárias. Estou solidário com os meus companheiros estivadores porque compreendo que a quebra da nossa unidade poderia significar maior sacrifício para nós e nossos filhos. Continuaremos fazendo esse pequeno sacrifício, em defesa da nossa unidade."

Toda a assembleia conjunta de portuarios e estivadores da Guanabara foi um espetáculo impressionante de unidade. Unidade que se estende a toda a orla marítima nacional e que levava o governo a reconsiderar o seu ato. Ato baseado por ausência de empresas estrangeiras, notadamente aquelas que se negam a cumprir as leis brasileiras, que conseguem influenciar o Conselho de Ministros, mas que não conseguem e nem conseguirão vencer a resistência das massas trabalhadoras.

Na sexta-feira, 9, na 15ª Junta de Conciliação e Julgamento, realizou-se uma audiência sobre causa que um trabalhador da Indústria Reunidas Sola Cama Drago S.A., mantém contra essa empresa. Não teria quem o defendesse se não estivesse presente o advogado do Sindicato dos Oficiais Marceiros.

Depois de terminada a audiência, um preposto da firma, reacionário e raivoso, teve o tope de dirigir-se com arrogância ao presidente do S.O. Marceiros, José Amaral de Menezes, dizendo-lhe que não poderia defender o trabalhador ameaçado de dispensa porque ele já não pertencia a organização sindical de que era presidente. Foi necessário que repetissem com energia a atitude reacionária desse preposto patronal, que quer de todos os modos obter a condenação do trabalhador em causa.

Mas, por que tudo isso? O tal preposto da I. R. Sola Cama Drago S.A., valendo-se da decisão da Comissão de Enquadramento Sindical, do MTPS, que designou os trabalhadores dessa empresa do S.O. Marceiros para obrigações a ingressar num sindicato quase inexistente, que não defende os trabalhadores, não admite que um operário, por eles explorados, seja defendido, amparado.

O fato que acima relatamos obriga-nos a denunciar a maquiagem, as manobras e a conspiração divisionista que se verificam no movimento sindical brasileiro. Derrotados e repelidos nas assembleias e nas eleições sindicais, elementos ligados ao "Movimento Sindical Democrático e Livre", aos supostos católicos do MOS, a p a n l g u a d o s da "gang" do governador Lacerda, orientados e sustentados pelos recursos do Ponto IV e dos empregados da CIOBL-ORIT, que atuam impunemente em nosso país, em conivência com certos funcionários do MTPS sensíveis a bajfeios financeiros, estão dividindo e subdividindo as organizações sindicais.

Desse modo, desligaram os trabalhadores da I. R. Sola Cama Drago S.A., do S.O. Marceiros, para enquadrá-los no S.T.I. de Novaes de Junco e Vime e etc, desconhecido, com apenas umas dezenas de sócios e que jamais reivindicou coisa alguma para os trabalhadores que diz representar. Eis porque o preposto dessa empresa industrial considerou-se feliz em saber que o trabalhador da firma estava completamente alienado, pelo S.O. Marceiros não podia mais ampará-lo!

Assim, estão surgindo novas "associações" e alguns

"Sindicatos", que são desmembrados de outros organismos. Assim, por exemplo criou-se uma associação de empregados na Refinaria de Duque de Caxias, da Petróbras, que foram desligados do S.T.I. de Distração de Petróleo. Prepararam-se já para fundar outros "sindicatos" nas indústrias metalúrgicas e de confecções de roupas. Um grupo divisionista, orientado e alimentado por elementos patronais, faz um abaixo-assinado, leva ao MTPS cinco mil assinaturas e logo surge uma "Organização sindical" que recusa o imposto sindical.

Este processo está se verificando há algum tempo e ainda não foi denunciado, e preciso levar ao conhecimento dos trabalhadores, mostrar-lhes quais são os propósitos patronais e dos traidores da classe trabalhadora, que derrotados nas lutas reivindicatórias e nas eleições, estão dividindo e subdividindo o movimento sindical. Nesse ato estão também empenhados os pelegos varridos da CNTI que, com a ajuda da CIOBL-ORIT, querem criar "federações" fantasmas, para com esses votos voltarem a direção da CNTI e conservarem a cúpula de outros organismos.

Em benefício das reivindicações e dos direitos dos trabalhadores, é preciso acabar com essas manobras e conspirações divisionistas.

CONGRESSO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL: ULTAB DIVULGA PLANO DE PREPARAÇÃO

A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) está distribuindo as suas filiais e a massa camponesa em geral um plano de trabalho da entidade, como contribuição às medidas de preparação do Congresso de Libertação Nacional, a realizar-se durante os dias 15, 16 e 17 de julho do corrente ano em Goiânia, Estado de Goiás.

O Congresso será um encontro de operários, camponeses, estudantes e de todas as pessoas e correntes progressistas, e sua realização representará o cumprimento de uma das resoluções do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, realizado em novembro do ano passado em Belo Horizonte. Da preparação do Congresso estão encarregadas cinco grandes Comissões Centrais, ao lado da Comissão Executiva Nacional. A (ULTAB), juntamente com as Ligas Camponesas e outras entidades de trabalhadores de campo existentes no país, compõe a Comissão Central Camponesa, que tem por finalidade preparar o Congresso dentro da categoria dos camponeses. As outras Comissões Centrais são: Parlamentar, Sindical, Estudantil e Feminista. Foram criadas ainda as Comissões de Organização, Finanças, Propaganda e Temário, que funcionarão sob o controle do Secretariado da Comissão Executiva Nacional.

O PLANO
O esquema divulgado pela (ULTAB) recomenda as seguintes providências:

- 1 — Desenvolver um amplo trabalho de discussão do temário de Libertação Nacional do Povo Brasileiro e especialmente os pontos do temário que se referem aos trabalhadores do campo, através de assembleias e reuniões nos locais de trabalho e moradia, conferências, palestras, comícios, Estações de Rádio e por todas as formas possíveis de atingir os trabalhadores da roça.
- 2 — As federações e associações, com a ajuda da (ULTAB), devem tomar a frente na mobilização das massas camponesas, tendo sempre em vista realizar esse trabalho com o apoio e participação do movimento operário e das forças democráticas e progressistas do Estado ou do Município.
- 3 — Em cada Estado haverá uma Comissão preparadora do Congresso, a ser constituída por representantes de organizações de trabalhadores de campo, estudantes e camponeses. Essas Comissões deverão ter a incumbência de fazer a convocação da massa de trabalhadores de campo, para a presença da massa de trabalhadores de campo, em 15, 16 e 17 de julho do corrente ano em Goiânia, Estado de Goiás. O trabalho deverá ter caráter de urgência, e a comissão de manobra ampla campanha de propaganda e conteúdo do Congresso.
- 4 — Especificamente para as federações e associações a preparação do Congresso entre as massas de trabalhadores do campo deve se dar no seguinte sentido:
 - a) Intensificar as lutas de massa pela reivindicação imediata e mais sentidas dos trabalhadores do campo;
 - b) lutar pela divulgação e aplicação das resoluções do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas;
 - c) Empreender todos os esforços possíveis para a solidariedade entre as organizações camponesas existentes, registrando-as, instalando-as e aumentando o número de sócios, etc., e criando novas nos lugares de concentração;
 - d) Lutar para conseguir os recursos necessários para enviar os delegados a Goiânia e para uma parte da sua manutenção durante o Congresso;
 - e) Todas as federações e associações devem manter contato permanente com a ULTAB, em São Paulo, onde funcionará a Comissão Central Camponesa, comunicando sempre o trabalho realizado, assim como o número de delegados que vai ser enviados a Goiânia.
 - f) No dia 1º de abril haverá uma reunião em São Paulo com a presença de representantes de todas as associações com a finalidade:

cas democráticas e progressistas do Estado ou do Município.

3 — Em cada Estado haverá uma Comissão preparadora do Congresso, a ser constituída por representantes de organizações de trabalhadores de campo, estudantes e camponeses.

Essas Comissões deverão ter a incumbência de fazer a convocação da massa de trabalhadores de campo, para a presença da massa de trabalhadores de campo, em 15, 16 e 17 de julho do corrente ano em Goiânia, Estado de Goiás.

O trabalho deverá ter caráter de urgência, e a comissão de manobra ampla campanha de propaganda e conteúdo do Congresso.

4 — Especificamente para as federações e associações a preparação do Congresso entre as massas de trabalhadores do campo deve se dar no seguinte sentido:

- a) Intensificar as lutas de massa pela reivindicação imediata e mais sentidas dos trabalhadores do campo;
- b) lutar pela divulgação e aplicação das resoluções do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas;
- c) Empreender todos os esforços possíveis para a solidariedade entre as organizações camponesas existentes, registrando-as, instalando-as e aumentando o número de sócios, etc., e criando novas nos lugares de concentração;
- d) Lutar para conseguir os recursos necessários para enviar os delegados a Goiânia e para uma parte da sua manutenção durante o Congresso;
- e) Todas as federações e associações devem manter contato permanente com a ULTAB, em São Paulo, onde funcionará a Comissão Central Camponesa, comunicando sempre o trabalho realizado, assim como o número de delegados que vai ser enviados a Goiânia.
- f) No dia 1º de abril haverá uma reunião em São Paulo com a presença de representantes de todas as associações com a finalidade:

Secretariado: Nestor Vera (ULTAB), Mário Lúcio (União Nacional dos Estudantes), Rui Guimarães (Frente de Libertação Nacional), coronel Oscar Bastos (Frente de Libertação Nacionalista), coronel Bayardo da Silva (Associação dos Diplomados do ISEB), Heros Trench (Terra Livre), Elson Costa (ATAM), professor Henrique Miranda (Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional), Lúcia Mulholland (da Liga Feminina do Estado da Guanabara).

CIVIS E MILITARES UNIDOS PELO AUMENTO MÍNIMO DE 50%

Deverá chegar ao Congresso Nacional, nas próximas horas, a mensagem do Conselho de Ministros, propondo o aumento ridículo de 40% nos vencimentos dos

de de um número dos trabalhos do Congresso.

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

Esta é a composição da Comissão Executiva Nacional do Congresso de Libertação Nacional:

Presidente: Governador Mauro Teixeira Borges.

Presidentes de Estado: Os governadores: Chagas Rodrigues (Paulista), Aurélio Carmo (Paraíba), Gilberto Mestrinho (Amazonas), Leonel Brizola (Rio Grande do Sul) e outros democratas e progressistas.

Presidência Efetiva: Deputado Francisco Julião (Ligas de Pernambuco), Alde Arantes (presidente da União Nacional dos Estudantes), Clodsmith Riani (presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria), Lyndolfo Silva (presidente da ULTAB) e o deputado federal Sérgio Magalhães.

Vice-Presidentes: Deputado Hernâni Mala (Mina Gerais), Benedito Cerqueira (Sindicato de Metalúrgicos da Guanabara), padre Francisco Lage (Mina Gerais), Jarbas Santana (União Brasileira de Estudantes Secundários), Manoel Ferreira de Lima (presidente da Federação das Associações de Lavradores do Estado do Rio de Janeiro).

Secretariado: Nestor Vera (ULTAB), Mário Lúcio (União Nacional dos Estudantes), Rui Guimarães (Frente de Libertação Nacional), coronel Oscar Bastos (Frente de Libertação Nacionalista), coronel Bayardo da Silva (Associação dos Diplomados do ISEB), Heros Trench (Terra Livre), Elson Costa (ATAM), professor Henrique Miranda (Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional), Lúcia Mulholland (da Liga Feminina do Estado da Guanabara).

OPERÁRIOS VÃO DENUNCIAR: GOVERNO CONIVENTE

Representantes de cerca de 25 mil trabalhadores na indústria petrolífera da Guanabara, São Paulo, Estado do Rio, Bahia, Alagoas e Pará, estão decididos a lançar um manifesto à nação, denunciando o presidente da República e o Conselho de Ministros como coniventes com a ofensiva dos inimigos da Petrobrás contra a nomeação e posse do engenheiro Eduardo Sobral para uma das diretorias da empresa petrolífera.

Os sindicatos de trabalhadores e as associações de engenheiros

da Petrobrás voltaram a se articular, tendo em vista o revigoramento da campanha em defesa da Petrobrás, que deverá ganhar as ruas nos próximos dias, para melhor esclarecimento do povo sobre o que está ocorrendo com a importante empresa nacional. Várias reuniões de consulta foram realizadas nestes últimos dias entre os líderes dos trabalhadores das empresas petrolíferas de todos os Estados, com o objetivo de lançar uma campanha nacional de defesa da Petrobrás.



QUEREM PRODUIZIR

Operários das oficinas da Central do Brasil, na Guanabara, lutam para que lhes sejam dados os recursos necessários ao pleno aproveitamento de sua capacidade

de produção, ao mesmo tempo que reclamam o pagamento da taxa de insalubridade e o aumento de 50 por cento em seus vencimentos.

OPERÁRIOS DA CENTRAL LUTAM CONTRA SABOTAGEM E POR MELHORES SALÁRIOS

Os 1.200 operários das oficinas da Central do Brasil, situadas no bairro do Engenho de Dentro, no Estado da Guanabara, vivem o mesmo drama de milhares de outros trabalhadores das empresas ferroviárias e marítimas estaduais. É o drama daqueles que ofereceram o melhor dos seus esforços, mas que nada podem fazer, porque tudo lhes é negado, inclusive os próprios meios de produção.

As oficinas do Engenho de Dentro chegaram quase a cerrar suas portas em consequência de uma política administrativa inteiramente danosa ao patrimônio nacional. Composta de vários galpões, quase todos de chão batido e cobertos de zinco, oferecem aos operários as piores condições de trabalho possíveis.

Embora disponha de profissionais especializados, capazes de operar em larga escala na reparação de máquinas a vapor, quase nada produz por falta absoluta de equipamento e de peças de reposição. As seções de fundição, modelagem, ferraria, serraria, carpintaria, torneria, eletricidade, galvanoplastia, pintura, pedreira, etc., não foram modernizadas, de modo a possibilitar um maior rendimento do trabalho, resguardando a saúde do operário. Os aparelhos sanitários são os mesmos, imundos e insustentáveis. Em meio a esse mundo imenso de deficiência técnica e sanitária, os trabalhadores são ainda submetidos aos caprichos da administração da empresa, que os obriga a marcar o cartão 4 vezes no dia.

COMBATIVIDADE

Mas os operários das oficinas do Engenho de Dentro, como os ferroviários de toda a Central, não se deixam vencer pelas dificuldades. Na única oficina moderna, a de reparação de máquinas Diesel, eles mostram o quanto são capazes de produzir. Nas outras oficinas, embora inadequadas, eles operam verdadeiros milagres. E poucos sabem do esforço que esses heróis anônimos realizam para que os operários dos subúrbios não

fiquem sem o seu tradicional meio de transporte — o trem da Central.

Mas há o outro aspecto da questão — é a luta que os ferroviários travam em defesa das suas reivindicações. Durante a greve pela paridade de vencimentos com os militares também eles paralisaram o trabalho, em defesa daquela reivindicação vitoriosa. Várias outras greves foram feitas no Engenho de Dentro, contra o atraso no pagamento. Há pouco tempo conquistaram a extinção do expediente aos sábados e a equiparação dos seus salários aos do pessoal da Leopoldina. Foram vitórias obtidas graças à unidade da classe, nos seus locais de trabalho e ao longo de toda a ferrovia.

A combatividade dos operários do Engenho de Dentro vem preocupando os inimigos dos trabalhadores, que tudo fazem para lançar os germes da divisão no seio da classe. O Rearmamento Moral, instituição reacionária a serviço dos patrões, já meteu o bedelho nas oficinas do Engenho de Dentro com a exibição de um filme. O trabalho foi suspenso às 15 horas, para que todos assistissem a obra do Rearmamento. A maioria dos operários aproveitou a oportunidade e foi para casa descansar. Os que ficaram para a exibição cinematográfica e carregaram-se de relatar aos seus companheiros, no dia seguinte, o caráter antipatriótico de pregação do Rearmamento, que teve todo o apoio oficial.

O certo é que os trabalhadores das oficinas do Engenho de Dentro não ensarilharam suas armas. Eles estão sempre lutando. Agora mesmo enfileiram-se junto a todos os servidores federais e autárquicos na campanha pelo aumento de 50% nos seus vencimentos. Exigem o pagamento da taxa de insalubridade e o reembolso dos Cr\$ 17.500,00 referentes a um aumento que tiveram antes da lei de paridade, e que lhes foi ilegalmente descontado dos seus vencimentos.

nas do Engenho de Dentro com a exibição de um filme. O trabalho foi suspenso às 15 horas, para que todos assistissem a obra do Rearmamento. A maioria dos operários aproveitou a oportunidade e foi para casa descansar. Os que ficaram para a exibição cinematográfica e carregaram-se de relatar aos seus companheiros, no dia seguinte, o caráter antipatriótico de pregação do Rearmamento, que teve todo o apoio oficial.

O certo é que os trabalhadores das oficinas do Engenho de Dentro não ensarilharam suas armas. Eles estão sempre lutando. Agora mesmo enfileiram-se junto a todos os servidores federais e autárquicos na campanha pelo aumento de 50% nos seus vencimentos. Exigem o pagamento da taxa de insalubridade e o reembolso dos Cr\$ 17.500,00 referentes a um aumento que tiveram antes da lei de paridade, e que lhes foi ilegalmente descontado dos seus vencimentos.

O certo é que os trabalhadores das oficinas do Engenho de Dentro não ensarilharam suas armas. Eles estão sempre lutando. Agora mesmo enfileiram-se junto a todos os servidores federais e autárquicos na campanha pelo aumento de 50% nos seus vencimentos. Exigem o pagamento da taxa de insalubridade e o reembolso dos Cr\$ 17.500,00 referentes a um aumento que tiveram antes da lei de paridade, e que lhes foi ilegalmente descontado dos seus vencimentos.

Light: Aumento de Salários Serve de Pretexto Para Assalto ao Povo

Mais uma vez, as justas reivindicações dos trabalhadores das empresas pertencentes ao Grupo Light serviram de pretexto para que aquela empresa imperialista lance novo assalto contra a economia do povo carioca, paulista, fluminense e capixaba aumentando, sem nenhuma justificativa legal, as tarifas de gás, força, luz, telefones e bondes. Assalto acobertado pelo governo da Guanabara e pelas autoridades federais que, ao que tudo indica, se limitarão a bater com a cabeça, como boi de presépio, concordando com o aumento tarifário que a Light diz ser necessário ao atendimento das reivindicações dos seus 35 mil empregados nas empresas de energia elétrica e produção de gás, telefônicas e de carris urbanos, a

partir de 1º de abril do corrente.

O ACÓRDO

Os sindicatos representativos dos trabalhadores das empresas pertencentes ao Grupo Light da Guanabara, São Paulo, Estado do Rio e Espírito Santo, lutaram e conseguiram que fosse antecipada a data de renovação do seu acordo salarial, em virtude da imprevisível elevação do custo da vida. A Light concordou com a antecipação de junho para abril de 1962 da data de vigência do novo acordo. Restava, então, o estabelecimento das bases do novo acordo. Reunidos em suas assembleias, os trabalhadores decidiram reivindicar o seguinte:

1) — aumento geral de 45% sobre os salários até 60 mil cruzeiros e aumento fixo de Cr\$ 27.000,00 sobre os salários superiores; 2) — pagamento do Abono de Natal, correspondente ao 13º mês de salário; 3) — pagamento das férias em dobro.

Os representantes do Grupo Light concordaram com os dois primeiros itens, e com a concessão de 30 dias corridos de férias, subordinando a assinatura e o cumprimento do acordo, entretanto, à elevação de 18% nas tarifas de gás, de 35% nas de telefone, de 17% nas de força e luz, ficando as tarifas de bondes na dependência de posteriores aumentos. Os representantes do governo, entretanto, como forças informantes, não concordaram com o aumento tarifário pretendido, sendo concedido, sem sequer demons-

trarem a mínima preocupação por um exame nas escritas das empresas, o fim de constatar a veracidade das suas informações. No Departamento Nacional do Trabalho, os representantes do Grupo Light apresentam-se sempre muito tranquilos e cordatos, certos de que lhes caberá a parte do leão, na assinatura de cada acordo. É isso que ocorre realmente, mesmo que os líderes sindicais, isolados, nada possam fazer, uma vez que as autoridades governamentais, inclusive e principalmente os representantes do governador Carlos Lacerda, se apressem em "reconhecer" a necessidade de a Light elevar os preços das tarifas, esboçando mais ainda o povo, o comércio e a indústria.

NOVOS RUMOS

Diretor Mário Alves
Diretor Executivo Orlando Bomfim Junior
Redator Chefe Fragon Borges
Gerente Guttemberg Cavalcanti
Redação: Av. Rio Branco, 257, 1º andar 9/1713 — Tel: 45-1544
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 1º andar 5/205
JORNAL DE S. PAULO Rua 15 de Novembro, 228 2º andar 8/827
Tel. 26-9488
Endereço telegráfico: «NOVORUMOS»
ASSINATURAS:
Anual Cr\$ 500,00
Semestral » 250,00
Trimestral » 130,00
Número avulso » 10,00
Número atrasado » 15,00
ASSINATURA ABERTA
Anual Cr\$ 1.800,00
Semestral » 900,00
Trimestral » 500,00

SERVI- AO POVO - OBJETIVO SUPREMO DOS COMUNISTAS

Carlos Marighella

O Partido Comunista foi fundado em nosso país a 25 de março de 1922. Através de duros períodos da recente história de nossa pátria. Mostrou-se nessas quarenta anos um valoroso combatente da causa da emancipação nacional e social de nosso povo. Organizador e dirigente de lutas de massas tem uma longa tradição de combate às forças reacionárias. Representa e defende por toda a parte os interesses e os fins a que aspiram a classe operária e o novo brasileiro.

do proletariado e de sua unidade. An lado de outras forças, os comunistas são impulsores do movimento camponês. A atuação por uma reforma agrária radical e a luta no campo contra as reminiscências feudais e pela posse da terra constituem os alicerces desse movimento que tende a crescer. Como índice de tal crescimento, a recente ocupação de terras no Rio Grande do Sul e a repetição desse exemplo em outros pontos do país mostram a disposição de massificar o movimento de lutar contra o latifundiário.

Os comunistas brasileiros são patriotas e internacionalistas proletários. defendem a unidade dos povos contra a dominação do imperialismo. Batem-se pela autodeterminação do povo cubano, contra a agitação a Cuba e a intervenção em seus negócios internos. Os comunistas são firmes lutadores contra a guerra, em prol da paz e do desarmamento geral, completo e universal. Sua incansável atividade por esses ideais fez com que se incorporassem a recente história de nosso povo em campanhas pelos apelos de paz, contra as bombas atômicas e os testes nucleares, e contra o envio de tropas à Coreia.

Defendendo a democracia, os comunistas foram firmes combatentes contra o integralismo. Combataram a ditadura do Estado Novo e a Constituição parafascista de 1937. Lutaram pela anistia em 1945. São uma força cuja contribuição se destaca na defesa da liberdade de imprensa, contra os golpistas e contra as tentativas de fazer recuar o processo democrático brasileiro. Em consequência, apesar de gozado algumas vezes, este processo não pode ser barrado pelas forças da reação e do imperialismo, e continua avançando. Exemplo recente é o dos acontecimentos após a renúncia do sr. Jânio Quadros, quando uma ampla frente única, de que pertenciam os comunistas, se opôs ao



Os comunistas sempre estiveram à frente das reivindicações camponesas. Em todas as oportunidades, falaram aos lavradores indicando os caminhos da reforma no campo.

O Partido Comunista Foi o Primeiro a Defender as Massas Camponesas

(Resenha de documentos — Rui Facó)

O problema da terra, para o P.C.B., sempre foi tratado como um problema fundamental da Revolução brasileira. O Partido carregava ainda o peso de influências anarquistas, que só via o proletariado moderno, o operário da fábrica, sem pensar o quanto lhe era imperioso possuir aliados, numerosos e firmes, na sua longa caminhada para o Poder. Aliás, com exceção dos social-democratas russos, os demais socialistas desprezavam o campesinato brasileiro. No entanto, o marxismo-leninismo já possuía, elaborados, os princípios da aliança operário-camponesa, com os primeiros trabalhos básicos de Marx e Lênin em sua polêmica com Pichánov, que subestimava o papel das massas camponesas na Revolução proletária.

As "Teses e Resoluções" adotadas pelo III Congresso do P.C.B. têm um capítulo "sobre a questão camponesa" cujo se diz, num reconhecimento autocrítico: "Até aqui a questão camponesa não havia sido examinada pelo Partido com a necessária atenção. Os últimos tempos começaram a interessar alguns de nossos militantes...".

Define então a linha do Partido quanto ao problema do campo: "A nossa pauta de ordem fundamental deve ser: 'Terra a quem a cultura'. Propõe também uma série de reivindicações de caráter imediato referentes e salários, cooperativas de consumo, saneamento, instrução primária, impostos, 'combate energético e decisivo aos restos de escravidão', horas de trabalho, liberdade de associação e 'união com os trabalhadores industriais na luta contra os dois imperialismos opressores, inglês e americano, e contra seus aliados nacionais'.

No citado documento considera-se que "a tarefa central da revolução democrático-burguesa do Brasil é, a par do desenvolvimento da luta contra o imperialismo, a liquidação da propriedade agrícola semifeudal dos latifundistas, do Estado e da Igreja".

O 40º Aniversário do PCB e a Juventude

Zuleika Alambert

Um fato novo ocorre nas fileiras comunistas no momento em que comemoramos o 40º aniversário do P.C.B. Trata-se de um fato auspicioso que enche de alegria e entusiasmo o coração dos velhos militantes comunistas. De norte a sul do país, afluem às nossas fileiras centenas de jovens oriundos de diferentes classes e camadas sociais. Em especial do movimento camponês e estudantil. É sangue novo que vai sendo somado à rica experiência acumulada dos velhos combatentes de vanguarda dando assim às forças comunistas no Brasil maior pujança e combatividade.

que quer mantê-la sob o quanto do imperialismo e do latifúndio. Todos esses fatores concorrem para que centenas de moços e moças voltem-se cheios de esperanças para nós que representamos o pensamento mais avançado da sociedade brasileira e constituímos, como força, o instrumento mais eficaz com que poderá contar o nosso povo em seu processo de libertação nacional e construção de uma sociedade nova.

O desenvolvimento capitalista no país determina a participação de novos contingentes juvenis na produção despertando com isso entre eles o anseio de conquistar uma posição mais influente dentro da sociedade em que vivem. Pela mesma razão aumenta entre os jovens o desejo de dominar as técnicas mais modernas e adquirir novos conhecimentos nos diferentes setores de cultura e da formação técnico-profissional. Tais aspirações chocam-se, no entanto, com a exploração e miséria crescentes das grandes massas, com o anacronismo e o sentido antidemocrático do ensino no país, com os preconceitos seculares que emanam das instituições filiosóficas, culturais e religiosas. Surge dessa contradição o "problema juvenil" que na década mais é, portanto, do que o fruto da contradição entre as aspirações crescentes de nossa juventude a uma vida moderna, culta, feliz, evoluída e o atraso econômico e cultural do país, que apesar de seu desenvolvimento continua entravado pela ação do imperialismo e do latifúndio. Mobilizar, portanto, as grandes massas juvenis para que elas intervenham de modo autônomo e independente na solução dos problemas nacionais e através de seus problemas específicos, eis a primeira questão que temos colocado diante de nós. Resolvê-la não é uma empresa fácil, apesar das imensas possibilidades que se criaram para isso. Ao contrário, devemos estar preparados para uma luta árdua e persistente. A burguesia e o imperialismo utilizam todos os meios para coar a juventude sob sua influência e obrigá-la a servir aos seus interesses. Para isso utilizam todos os veículos materiais e espirituais de que dispõe. Não devemos também perder de vista que parte considerável da juventude já se encontra influenciada pela propaganda burguesa. Tudo isso vai exigir de nossa parte muito esforço e dedicação à tarefa. Esforço e dedicação que por sua vez exigirão maior sensibilidade política em sentir para onde marcham os acontecimentos e em saber acabar em primeiro lugar com a velha subestimação pelo trabalho juvenil e em segundo lugar com certos esquemas caducos e formulações rotineiras que de modo algum correspondem à realidade. Urge compreender sem qualquer formalismo, que devemos trabalhar junto à juventude simplesmente porque ela com seu entusiasmo, combatividade, tendência geral à pesquisa, sua abnegação e generosidade constitui um instrumento poderoso no pro-

cesso de criação ou transformação da vida política, social, econômica e cultural de qualquer país. Porque com sua impressionabilidade poderá seguir aquele que primeiro chegar e lhe falar daquelas questões que lhe são mais caras, mais sensíveis. A sua natural falta de experiência e imaturidade política podem torná-la com relativa facilidade de uma reserva dos demagogos, dos pseudos-revolucionários e aventureiros de toda sorte. Ignorar essas pequenas questões e revelar ignorância total, falta de clareza diante dos objetivos políticos do Partido. Recordemos aqui as palavras de Lênin que fazendo uma crítica demolidora dos quadros do Partido que sentiu um "médico idiota, filisteu... à juventude". Dizla: "Necessárias capacidades juvenis. Há uma enorme quantidade de homens, o que falta é recrutá-los e mais ampla e audazmente entre a juventude sem temê-la. A juventude decidirá dos resultados finais da luta, tanto a juventude estudantil como ainda mais a juventude operária". Vencida a subestimação, deveremos nos esforçar para aprender a adotar novas formas de organização e métodos de trabalho às modificações evidentes que vão ocorrendo no mundo e no país e cujos reflexos são profundos nas forças juvenis. Precisamos compreender que o trabalho entre elas requer uma forma própria de ação, uma maneira especial de abordar os problemas e não a simples transplantação mecânica. A esse setor de experiências úteis para o trabalho adulto, pesquisar e decidir sobre essas formas de organização e métodos de trabalho, eis outra tarefa urgente que deveremos nos propor.

O BLOCO OPERÁRIO-CAMPONES

Foi em 1925, seis anos depois da fundação do P.C.B., que se lançou aos comunistas o problema agrário. O país vinha sendo abalado havia mais de um lustro por movimentos de caráter revolucionário, nos quais predominavam as reivindicações de superfície das camadas médias da população. O 5 de Julho de 22, o 5 de Julho de 24 a Coluna Prestes eram as expressões mais salientes desse estado de espírito revolucionário que empolgara as populações urbanas. Foi a Coluna Prestes o primeiro grande elo de ligação entre a cidade e o campo na observância a falta de um programa concreto dos "revolucionários" na ausência de uma ação de sua parte junto às populações camponesas pobres, que entretanto simpatizavam francamente com os feitos da Coluna e seus chefes. Mas, através da Coluna, o sópro de rebeldia das cidades chegava ao meio rural. Era precisamente isto que mobilizava os grandes latifundiários. Um extremo a outro do país para combater a Coluna, como o fizeram com particular relêvo os "coronéis" Franklin Lima e Horácio de Matos, no interior da Bahia, e Floro Bartolomeu e Pedro Silvino chefes políticos do Arrrij que, com o consentimento e a passividade do Padre Cícero, armaram Lampião e lhe deram patente de oficial do Exército.

1934 — ORIENTAÇÃO LENINISTA

Não conheço todos os documentos dos comunistas brasileiros em relação ao problema agrário. Mas não tenho dúvida de que nos primeiros anos de sua existência o P.C.B. teve uma orientação leninista. O documento "Sobre a questão camponesa" do III Congresso do P.C.B. em 1925, quando as "Teses e Resoluções" se limitam a um breve parágrafo, em que constata ser "absolutamente necessário e urgente iniciar um trabalho sério e sagaz para resolver a questão sobre todas as relações do P.C.B. entre as massas camponesas do Brasil". De documentos anteriores, encontramos apenas um tolinho assinado por S.B., intitulado "Situação da classe trabalhadora em Pernambuco". Um ótimo trabalho para a época, com dados objetivos, de quem conheceu bem a realidade no campo pernambucano. Mas um trabalho individual, na outra documentação importante, anterior a 25 (segundo Astrojildo Pereira), dirigido "Aos 9 milhões de trabalhadores do interior do Brasil", precedido pela epígrafe: "Ataque aos latifúndios, para a luta internacional de classes, os 9 milhões de trabalhadores do Brasil". São conclusões e diretrizes — nada mais.

Este trabalho interessantíssimo da "Revista Proletária" se baseia na concepção leninista do problema camponês, cita Lênin, mas ao mesmo tempo — e isto me parece de grande significação — procura ver concretamente o que era a nossa própria realidade. Refere-se às diversas categorias de trabalhadores agrícolas no Brasil, aos tipos de relações de produção, entra o mesmo na apreciação da diferença entre preços de importação elevados ou exportação reduzidos de nossos produtos primários, diferença que os latifundistas procuravam compensar intensificando a exploração do trabalhador rural, daí o processo de pauperização dos camponeses recebe uma nova nomenclatura. A queda do volume de exportação de uma série de culturas de importância importantes e a redução da produção agrícola, provocam o desemprego colossal no seio do proletariado agrícola do Brasil, e ao mesmo tempo conduzem a que se intensifiquem os métodos semifeudais e semi-feudalistas da exploração".

ALBERTO VITA

Vitimado pelas consequências de uma intervenção cliburgica a que se submettera poucos dias antes, faleceu na cidade de Salvador, no último dia 2, o jornalista Alberto Vita. O seu desparecimento costernou profundamente os meios jornalísticos e culturais da Bahia, nos quais Vita se destacava como uma de suas mais vigorosas expressões. Alberto Vita foi sempre um combatente de primeira linha do movimento estudantil e antifascista da Bahia. Foi um dos fundadores da União dos Estudantes da Bahia e da União Nacional do Estudantes, tendo participado ativamente das lutas contra o fascismo e o Estado Novo e, após a conquista da legalidade do P.C.B. em 1945, de todas as campanhas e movimentos patrióticos e revolucionários desencadeados no País. Durante muitos anos, Alberto Vita trabalhou dedicadamente na imprensa popular em seu Estado, tendo sido um dos fundadores do jornal "O Momento". Líder dos profissionais da imprensa baiana, Alberto Vita fora eleito o ano passado presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, tendo nessa qualidade participado com destaque no último Congresso Nacional de Jornalistas.

Comemoramos o 40º aniversário do P.C.B. num momento em que as profundas transformações que ocorrem no mundo e no país repercutem no pensamento e na prática da juventude nos quatro cantos do universo.

O socialismo triunfante numa série de países já demonstra de modo concreto, o que será o futuro radioso de toda a humanidade. O progresso da ciência e da técnica enriquecida com as últimas descobertas espaciais atraiam por terra séculos e séculos de mitos e conceitos religiosos sobre o mundo e a capacidade de conhecimentos do homem. Desmorona-se o sistema colonial e com ele as concepções falsas sobre a inferioridade racial, a existência de povos superiores e inferiores. Em nosso continente a vitoriosa Revolução Cubana cria bem diante de nossos olhos uma sociedade sem classes.

A energia transformadora do homem, sua capacidade de conhecer e manejar em benefício próprio as leis da natureza e da sociedade, bem como de construir um mundo novo adquire outra estatura aos olhos da juventude, que pela idade é sempre a mais preocupada com o amanhã.

Também em nosso país, crescem e se desenvolvem as forças democráticas e progressistas sobretudo a partir da última crise política de agosto de 1961. Movimentam-se nos campos e na cidade. Elevam sua consciência política e seu grau de organização. Tendem a se unir cada vez mais na luta por um futuro de progresso e independência para nossa pátria, isolando assim, cada vez mais, aqueles que

Depois, segue-se a conclusão lógica da posição do Partido Comunista ante as massas camponesas: "Uma das mais importantes tarefas do P.C.B. é tomar a direção da luta dos camponeses, que se desdobra, e, para obtê-la, conseguir a sua confiança e revolucionária, assegurando assim nas suas fileiras para a classe operária, e de maneira mais ampla e prepotente: "Somente colocando-se na direção dos camponeses pobres e médios, combatendo pela liquidação revolucionária das sobrevivências pré-capitalistas, do jugo imperialista e nacional que pesa sobre eles, poderá o proletariado do Brasil preparar as condições necessárias à sua própria libertação de classe".

Al já temos a aliança operário-camponesa como condição indispensável para a emancipação social do proletariado e, portanto, para a revolução.

Recebemos com pedido de publicação, a seguinte nota:

"Os comunistas de Nilópolis comunicam aos amigos, simpatizantes e ao povo em geral, que Arnaldo Tavares do movimento comunista desse município por suas atividades facionistas e de especulação desonestas".

NÃO PERTENCE MAIS AO MOVIMENTO COMUNISTA

Recebemos com pedido de publicação, a seguinte nota: "Os comunistas de Nilópolis comunicam aos amigos, simpatizantes e ao povo em geral, que Arnaldo Tavares do movimento comunista desse município por suas atividades facionistas e de especulação desonestas".

Modernismo de 1922 a 1962

Leandro Konder

A Semana de Arte Moderna esta completando 40 anos. Quando nasceu, provocou um escândalo tremendo; agora, ao se tornar quarentona, adquiriu reputação de ser uma senhora respeitável. Os moços rebeldes de 1922 são atualmente projectos cavalheiros, alguns caivos, outros obesos, muitos falecidos.

Ha quem pergunte: qual foi o resultado da semana da arte moderna? O que nos deixou ela? Qual foi a sua real significação?

E as mesmas pessoas que fazem tais perguntas procuram argumentar da seguinte maneira: que os modernistas de 1922 eram rebeldes, todos sabemos; mas ser rebelde não quer dizer ser revolucionário; as vezes, ate, ser rebelde e ser contra revolucionário. Lembra casos de artistas que escandalizaram a burguesia apenas para dissociar a falta de coragem na luta eficaz contra a ordem burguesa. Seria esta a situação dos participantes da Semana de Arte Moderna?

Não cremos que seja possível avaliar em termos correctos a importância da Semana de Arte Moderna e do modernismo em geral sem compreender devidamente as condições em que o movimento se realizou.

De fato, houve muita inconsciência no movimento modernista. A agitação nao correspondia a uma acção com um conteúdo ideologico bastante claro. O movimento se definiu muito mais em função daquilo que combatia do que daquilo que defendia ou afirmava. Atribui-se mesmo a um dos participantes da Semana de Arte Moderna esta frase expressiva: "Não sabemos muito bem o que queremos; mas sabemos muito bem o que não queremos".

Assim, sob uma idéntica designação, puderam ser agrupados escritores como os srs. Plínio Salgado e Raul Bopp, de um lado, e intelectuais como Mário de Andrade e Di Cavalcanti, de outro. No meio da confusão geral, ninguém observava a inconciliável oposição em que viria a se achar os elementos renovadores mais consequentes e aqueles que propugnavam somente (embora com muito estardalhaço) pela adoção de novas formas de expressão e por uma "recalchutagem" da ordem social vigente.

Quando o movimento precisa-se passar a uma fase de construção, de apresentação de soluções para os problemas que tivera o mérito de aflorar, a cisão se tornaria inevitável. E, com efeito, roído por suas contradições internas, o movimento promovido pela Semana de Arte Moderna se fracionou, perdeu a sua unidade e se diluiu.

No entanto, mesmo nas suas limitações, não nos parece que o movimento modernista pudesse ter sido fundamentalmente diferente do que foi. Em 1922, a situação do Brasil e o nível alcançado no nosso incipiente desenvolvimento econômico, não davam margem para que se reagisse de maneira muito diferente.

O movimento operário, que estava em crise de renovação, e dessa crise haveria de resultar a fundação do PCB, não tinha força para influir em escala apreciável nos meios intelectuais; qualquer movimento de renovação cultural, por conseguinte, não poderia ter senão suportes ideológicos burgueses.

Por outro lado, a própria incipiência do desenvolvimento econômico configurava um estado semicolonial.

que tudo desculpa e faz silêncio acerca das lutas francas e das sombras da Revolução Cubana. E é verdade que os autores viram Cuba ainda ontem e muita coisa hoje está mudando, amanhã muito mais, pois a Revolução anda depressa e seu passo abre maiores e mais fundos sulcos no tempo e nos homens. Saltando sobre os capilulos densos e graves a respeito da economia, da politica e da administração em Cuba, escritos com bastante testemunho e precisão didáctica, quero parar aqui nos palavras do jovem escritor norte-americano que estive em Havana, Marc Schleifer. Estão no final de livro e exprimem uma amargura e uma dignidade que tão bem compreendemos. Diz ele: «Estive longe, antes — México, França, Espanha, Tânger — mas agora, apenas a 150 km de meu país (le tão pouco tempo) sinto uma saudade estranha de minha terra. Nunca me senti tão longe, tão afastado, tão totalmente exilado. A América está apenas a 150 km de Cuba, mas estamos a mil-anos luz da verdade e da honra.»

No momento, no Brasil não sei a quantos quilômetros estamos de Cuba. Estar o mais perto possível é uma questão de honra, não há mais dúvida.

E de bom senso.

DE PUCHKIN A EHREMBURG, 150 ANOS DE CONTO RUSSO

Em fins do ano passado teve início a publicação de um dos mais louváveis empreendimentos editoriais da industria brasileira do livro: a *Antologia do Conto Russo*, impressa sob a égide da Editora Lux, e que deverá abarcar um total de nove volumes. Até o presente, já foram colocados a venda os volumes de 1 a 5.

Uma das características positivas da coleção é o cuidado que tiveram os editores em colocar no comercio traduções cuidadas, o que nem sempre é fácil e comum, ainda mais com as obras de idiomas pouco acessíveis, como é o caso do russo. O critério adotado pela editora, para traduzir os contos diretamente do original russo pode ser criticado, mas representa, sem dúvida, um esforço sincero e muitas vezes bem sucedido de ser o mais possível honesto na transposição para a lingua portuguesa de algumas das obras-primas da literatura do genero na Rússia.

O primeiro volume inclui obras de Puchkin e Gogol. O segundo volume apresenta Liernontov, Turgueniev, Pissmski, Dostoiévski. O terceiro volume reúne

o movimento modernista e de subestimação da sua influencia positiva ao e concebível em tipos como aquele infeliz Ascendino Leite, que se prestou ao papel de atacaque e censor lacerdiano a crise de agosto de 1961, e em cujo livro *Estetica do Modernismo* as conquistas libertarias do movimento de 1922 são ignoradas e o proprio movimento passa por ter sido mullti.

E claro que não teria sentido reeditar agora, em 1962, o comportamento e as palavras de-ordem do pessoal da Semana de Arte Moderna de 1922; nesses 40 anos, o Brasil mudou profundamente as condições atuais exigem maior consequencia da parte dos intelectuais progressistas, as formas de reicidia dos velhos tempos nao assistam as classes conservadoras de hoje. Por isso ao se tornar quarentona, a Semana de Arte Moderna se tornou uma senhora respeitável e as classes conservadoras nao lhe recusam uma homenagem entre solene e hipocrita. No seu tempo, excretando a Semana de Arte Moderna exprimiu, de maneira valida, um sincero desejo de renovação; representou uma coisa diferente do que representaria hoje a sua reificação.

Nas atuais condições, para que algum fosse fiel ao espírito mais profundo do desejo de renovação da Semana de Arte Moderna, seria preciso ir além da reificação das suas formulas, partir para posições mais radicais, mais revolucionarias. Como escreveu Mario de Andrade, "o passado é lição para se meditar e não para se reproduzir".

A atitude de depreciação



MÁRIO E DI

A caricatura reúne duas das principais figuras da Semana de Arte Moderna. O caricaturista, Emiliano Di Cavalcanti, o caricaturado, Mário de Andrade. Ambos, um na pintura, outro na poesia, principalmente, marcaram a Semana com o seu talento, com suas obras impregnadas de um sentido bem mais brasileiro do que tudo o que antecederia os sete dias de arte que entusiasmaram te expantaram o São Paulo daquele fevereiro de 1922.

PPS Tarefa de Todo Comunista

H. Cordeiro

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO é uma publicação que venceu o que se pode chamar de a primeira fase da batalha de sua difusão. Desde a primeira edição, lançada em março de 1959, vem ganhando terreno e um ano depois, já havia dobrado a tiragem. Caminha, agora, para uma circulação recorde em publicações de sua natureza.

Os principais fatores do êxito de PPS residem em nosso ver, na seriedade dos temas que aborda, na regularidade de sua saída e nos objetivos que persegue.

Atentos a esses fatores estão os responsáveis por sua programação de modo que as edições do PPS se constituem numa força convincente para aqueles se interessam pela solução das graves problemas que afligem a humanidade, em todos os quadrantes da terra.

A preocupação mostra-se a de esclarecer e informar corretamente e de atender o leitor e, ao mesmo tempo, dar-lhe oportunidade de colaborar na escolha de temas, na apresentação grafica de PPS, na regularidade de suas edições. Com esse objetivo distribui-se, periodicamente, um questionário entre os leitores da revista, cujas sugestões são aplicadas na medida do possível pela direção de PPS. Tendo em vista o interesse do leitor foi empregado outro tipo na composição da revista, tornando mais fácil sua leitura, além de modificações, visando a melhorar a apresentação e a sua maior aceitação de

PPS, como, por exemplo, a nova capa, e a partir do nº 3.82, nova titulação, alterações na paginação e na paleta de assinaturas.

Nos países inteiros como o Brasil, longas vias percorrer nossa revista para alcançar seus leitores. PPS chega aos mais distantes recantos do Brasil por via aérea e marítima, rodovias, estradas de ferro, por estafetas particulares, etc.

Embora o trabalho de difusão de PPS seja apreciado, vel é como se fez espontâneo e por esse mesmo, muito aquém das possibilidades da revista. Contudo é necessário salientar que atingimos a maioria dos princípios mais importantes que, pela demografia, quer pelo desenvolvimento social.

A revista se também por si mesma. Sem grandes propagandas, sem maiores recursos financeiros, vai caminhando para a frente e se firmou no conceito dos leitores. Mas, apesar dos êxitos já alcançados, PPS deve constituir-se numa tarefa permanente de todos os comunistas. Não há leituras obrigatórias, mas leituras indispensáveis a orientação e esclarecimento de um militante comunista. PPS é uma delas.

A sorte da revista esta em nossas mãos. Cada um de nós deve ser seu melhor e mais competente propagandista e divulgador. Devemos ajudá-la a conquista de novos leitores e uma existência de sua propria sobrevivência.

Canto de Página

Panorama

Enxada

Atré este momento nenhuma esperança de verão; estão em fúria os elementos, como se sobre nossas pobres cabeças dessem cair todas as águas do mundo. Barracos escorregam dos morros, esborrachando-se na planície, mortos surgem enterrados em lama, podemos sair de casa com um dia quase límpido e não podemos voltar a ela sem verdadeiras ginásticas, com águas pelos joelhos, enquanto uma chuva persistente, insistente e molina cai ininterruptamente. Já podemos agora saber como deve ter sido chato o dilúvio e quanto Noé e sua família devem ter ficado irritados com tanta água.

O triste mesmo nesta cidade é que qualquer chuvinha boba e capaz de inundar-la, os raios e esgotos não funcionam; as ruas se alagam, sem que sejam tomadas as menores medidas para terminar com o fato, ou torná-lo mais difícil. Por que esse descaço, essa inércia do governo tão preocupado nos atos de Fidel, tão atunado nas ações do MAC, tão empenhado em liquidar os direitos dos cidadãos, gastando milhões para ir aos Estados Unidos fazer conferências contra o governo e o povo brasileiro, mas tão desinteressado no que diz respeito a vida da cidade e do povo carioca?

Abriu um jornal de manhã cedo, hoje em dia, ou ler um dele, a noite, é encontrar palpante e dolorosa a vida da cidade varrida pelos temporais e pelos crimes, pelos ataques e pelas desgraças. São meninos mal saídos dos curules enlameados em crimes, são meninas ainda nem bem comecadas a viver jogadas na prostituição, enquanto a fome e a miséria rodam todos os lares e impõem restrições a quem que trabalham e produzem.

Enquanto isso começa-se nesta cidade a apreender livros e a retirar de cargos publicos, que até então ocupavam com dignidade e com dedicação, homens e mulheres, apenas porque não estão de acordo com a ideologia e a politica fascista do governador. Contra isso devemos protestar muito, protestar sempre, protestar até que morram nossas vozes em nossas gargantas. A Guanabara não é um Estado isolado, mas pertencente ao todo que se chama Brasil, regido pelas mesmas leis, falando a mesma lingua, sentindo os mesmos sentimentos. É portanto, anticonstitucional, tanto a proibição de livros quanto o afastamento de funcionários. Ha uma Constituição lendo os destinos da Brasil, e, portanto, o do Estado da Guanabara. Por que então permitir que aconteça aqui o que ora se inicia?

Não é apenas a lama deixada pelas chuvas nesta cidade abandonada o que hoje entristece e avilia, mas a outra lama, a moral, aquela que pretende fazer-nos voltar ao regime fascista do passado. Mas isso não acontecerá, estamos certos.

SIQUEIROS CONDENADO: 8 ANOS DE PRISÃO

Siqueiros foi condenado a oito anos, isso durante os processos que se estavam a desenvolver no mesmo âmbito. As vozes de Ricardo, de Carlos Zavaletti, de Paulo Nerato, de Walter Zank, de intelectuais brasileiros, de intelectuais de todas as nacionalidades, de homens do povo, de simples admiradores da obra do grande pintor nao conseguiram abalar a dura carcassa de cimento e odio da "democracia" do sr. Lopez Mateos. O que conseguia abala-la? Os dólares do grande vizinho? A burguesia reacionaria que manipula os cordões do docil titer?

Não se condenou apenas um comunista. Condenou-se uma das maiores glórias da pintura americana — a última gloria viva — a prisão hedonista nos cárceres da cidade do México. David Alfaro Siqueiros, com 65 anos de idade, abalado por uma seria enfermidade hepática, alquebrado ja por uma prisão "preventiva" que data de 9 de agosto de 1960, deixamos em profunda preocupação acerca dos resultados dessa situação sobre o seu estado de saúde.

Mas aos bonecos policiais e luzes do governo reacionário de Lopez Mateos não inspiram cuidado as vidas das dezenas de presos politicos que moram nas enxovias da pobre pátria de Juárez. No dia 20 de novembro de 1960, quando se co-

municava o aniversário da revolução mexicana, Siqueiros e a maior parte dos presos politicos começaram uma greve de fome. Foi então que, respondendo a uma solicitação de uma comissão de intelectuais, um sentido de que despatchase com urgência o pedido de defesa, o juiz competente saiu-se com essa soberba criação de seu intelecto facanho e fascistóide: "Não me importa se o processo é uma grande personalidade; para mim é um preso a mais. Se morre, encaburo o expediente e acabou-se".

Os intelectuais progressistas brasileiros, unidos aos do mundo inteiro, repudiam com violência o crime perpetrado pela perseguição fascista de Lopez Mateos contra o maior muralista vivo do mundo. David Alfaro Siqueiros, como expressão de uma corrente politica que busca alcançar a emancipação do México do imperialismo estrangeiro, e como um dos mais valiosos nomes da intelectualidade revolucionária, não pode continuar preso.

Devemos derrubar a sentença que pesa sobre Siqueiros e seus companheiros politicos. Essa tarefa será frutífera na medida em que crescer o movimento de todos os homens e mulheres democratas do mundo inteiro, pela libertação de Siqueiros, antes que seja demasiado tarde.

Homenagem a Oduvaldo Viana

Mais de dezentos jornalistas, radialistas, escritores, homens de teatro e da televisão, amigos e admiradores de Oduvaldo Viana, prestaram-lhe, segunda-feira ultima, expressiva homenagem. Um grande jantar foi oferecido ao teatrólogo e novelista no restaurante La Bola Italia, no Ed. Avenida Central. Encontravam-se presentes individualidades destacadas dos diversos setores onde Oduvaldo Viana tem atuado. Festividade o seu setuagésimo aniversário natalício. Entre os presentes: Juracy Camargo, Di Cavalcanti, Pascoal Carlos Magno, Luis Guimarães presidente do Sindicato dos Jornalistas, académico Magalhães Junior, radialistas Cesar de Alencar Floriano e Roberto Faissal, Daisy Lucite, Rodolfo Maia, Marlon, Helene de Lima, Modesto de Souza, Mario Lago; dos meios teatrais, além de Juracy, Lucia Benedetti, Dias Gomes, Olavo de Barros, Bricio de Abreu, Nestor de Holanda; da televisão: Mauricio Scherman, Ra-

fael de Carvalho Pericles do Amaral, Hamilton Ferreira. Entre outros amigos e companheiros de Oduvaldo Viana: Carlos Marichella, Iva Ribeiro, Elisabete Ribeiro, Heloisa Ramos, Laura Austregesilo e representando NOVOS RUMOS e a revista *Estudos Sociais* nosso companheiro de Redação Rui Faco. Oduvaldo Viana foi saudado calorosamente, em nome de todos, por Juracy Camargo. Rafael de Carvalho lembrou, em palavras enforosas, que no México acabava de ser condenado a oito anos de prisão um dos maiores artistas plásticos do mundo contemporâneo: David Alfaro Siqueiros. Di Cavalcanti juntou ao protesto de Carvalho sua irrestrita solidariedade ao eminente muralista preso. Em nome das comunistas e de Luiz Carlos Prestes, Oduvaldo Viana foi saudado por Carlos Marichella. Oduvaldo Viana, em resposta, expressou seu agradecimento cordial a todos: amigos, companheiros e camaradas de trabalho e de luta.

CUBA E O BOM SENSO

Dalcídio Jurandir

Este livro Reflexões sobre a Revolução Cubana, de Paul Sweezy, Leo Huberman, Baran, Morray, Schleifer e Che Guevara; Zahar Editores) é, antes de tudo, uma lição de bom senso. E é isto de que mais precisamos para prosseguir o bom debate sobre Cuba, a fim de ver melhor para crer. Estamos cercados por uma minuciosa industria da mentira, em tom histórico, arrogante, repetido, com todos os aparelhos gritando. O alto-falante dispõe, a vontade, de verbos e calúnias, técnicas e cinismo para soltar, com toda a onda, contra Cuba, a fúria organizada. Para guardar os quintais, andam saltos os cães amealhados, ladrando. Convém, com serenidade e sensateza, enfrentar o cerco. O Reflexões sobre a Revolução Cubana nos dá um exemplo. Os pontos, de que podemos discordar, as novas situações e problemas ai estudados, a pesquisa, o depoimento e a lucidez, ajudam a ajudar o leitor brasileiro a escutar, sobre o berreiro dominante, as vozes de bom senso. «Le bon sens est la chose du monde la

mieux partagée», dizia um grande, há três séculos, num livrinho que ainda faz época. Para quem busca uma opinião sensata e digna sobre a Revolução Cubana, o presente livro é necessário.

Todos os autores do livro conhecem Cuba, estiveram mais de uma vez em Havana e no campo onde, pela primeira vez na América, se faz uma autêntica revolução agrária. Entre uma e outra viagem, cada autor compilar, escolhe os dados, dispondo de largo e sempre novo material a analisar, todos empenhados em bem informar, em indagar por que vai certo ou vai errado, sem nunca enganar o público. Por isso o livro é até tranqüilo, como é tranqüilo dizer certas verdades quando ao nosso redor bufa a mais parca desinformação e a mais sinistra falta de senso. A parte de Ernesto Che Guevara, no livro, é um documento teórico a exigir de todos os politicos da América uma discussão, uma resposta, pelo menos uma leitura atenta.

O livro não segue a linha da apologia ou da paixão

Tópicos Típicos

Pedro Severino

Consta que se realizou em algum lugar do Rio de Janeiro um baile carnavalesco "de arromba", promovido por uma agremiação de gozadores que se intitula "Movimento do Desarmamento Moral".

Segundo informação chegada ao nosso conhecimento, o baile se notabilizou pela ausência, pela falta de roupa e pela falta de vergonha dos participantes. A coisa, aliás, chegou a assumir aspectos grotescos, ao que parece; pelo que nos contam, houve um momento em que velhas múmias surpreendentemente ressuscitadas pela atmosfera momeca irromperam no salão à procura de rapazes desprevenidos e entre gritos esganicados de "o Bafo da Onca chegou!".

Mas não era o Bafo da Onca que tinha chegado, era um autêntico bafo de tigre louco, pois, a enxada e mais o usque correram livremente durante a festa e alcoolizaram mais da metade dos elementos presentes.

Em meio às velhas damas aparecidas em cena, veio um cavalheiro rotundo e embriagado, usando uma fantasia de "Máscara de Ferro". Este cidadão, sem dúvida, queria permanecer incógnito, porque em nenhum momento do baile se permitiu tirar a "máscara de ferro", de maneira que, mesmo para beber (coisa que fazia freqüentemente), mantinha a viseira desceida e introduzia a bebida por um orifício do elmo, através de um funil.

Lá pelas tantas, segundo dizem, o obeso mascarado, depois de haver consumido mais de um litro de usque, se pôs a improvisar versos líricos em que falava da "noite que chora", da "tristeza ignorada" e da "doce morte que está chegando". Em seguida, teve uma violenta crise de nervos, e, lançando-se ao chão, comecou a insultar alternadamente uma senhora de nome Josefina e um cidadão de nome Santiago — ambos ausentes.

Aos presentes, o sinistro gordo deu a impressão de que estava insultando a mulher que amava e que teria fugido, talvez, com outro homem, deixando-o com forte dor de cotovelo.

Mas nós, que somos muito vivos, estamos desconfiados de que o caso seja, de fato, um caso de ciúme político. E, embora em bases meramente conjecturais, somos levados a crer que o augusto personagem da "máscara de ferro" seja, na verdade, pessoa bastante conhecida nos círculos politico-litero-comerciais.

Se não lhe dizemos o nome, porque é apenas um palpite.

Onibus: Passagens Mais Caras e Transportes Cada Vez Pior

Pela terceira vez, em menos de 1 ano, o governador Lacerda majorou os preços das passagens dos ônibus. Recorda-se que, em abril último, as passagens já haviam sido majoradas de 30%. Em seguida, outubro o Executivo autorizou um novo aumento, mais 35%. Finalmente, agora outros 30% de elevação tarifária foram homologados por La-

NÃO REGULAMENTAM

Foi por conhecerem o descalabro do Departamento de Concessões que os deputados cariocas fizeram incluir na Constituição do Estado o seguinte dispositivo:

"Art. 19 — A fiscalização, efeitos da execução dos contratos ou permissões de serviços públicos prestados por particulares e a fixação de tarifas deverão ser realizadas por comissões com amplos poderes de exame e investigação, assegurada a publicidade dos seus trabalhos por meio de relatórios anuais com a demonstração de cálculos das tarifas em vigor".

1.º — A revisão das tarifas dos serviços explorados pelas empresas concessionárias ou permissionárias somente será efetuada após o tombamento físico e contábil de seus bens, para conhecimento do investidor remunerável, avaliados pelo seu custo histórico.

2.º — O governador incluirá obrigatoriamente nas comissões um representante dos trabalhadores dos sindicatos da categoria profissional dos serviços fiscalizados.

Conseqüente, decorrido quase 1 ano da promulgação da Constituição o Executivo, ainda não se dispôs a regulamentar tão importante dispositivo. Fixa tarifas como entende ainda agora foram aumentados os preços do gás e as tarifas de energia, telefones e bondes serão majoradas a qualquer momento; valendo-se do art. 19 do Ato das Disposições Transitórias que permite "até a constituição das comissões e a realização do tombamento previstos no art. 49 e 1.º" sejam as tarifas fixadas de acordo com a legislação em vigor.

Por isso as passagens dos ônibus, em menos de 1 ano, sofrem 3 aumentos sem que os empresários se comprometam a oferecer um melhor serviço.

FAVORITISMO

Os observadores dos problemas cariocas costumam interpretar os benefícios frequentemente concedidos aos empresários de ônibus como decorrência da ação das fábricas de carrocerias, virtuais controladoras de boa parte da frota existente na cidade. Sabe-se, por exemplo, que uma das maiores indústrias do ramo e que trabalha na base da venda a longo prazo é a CIRE Indústria e Comércio S. A. de propriedade do sr. Clemente Mariani, sócio do filho do governador, sr. Sérgio Lacerda. Isto talvez explique porque o Departamento de Concessões praticamente não pode exercer nenhum controle

sobre as empresas de ônibus. Não há horários, não há nenhuma disciplina no tráfego, os passageiros são submetidos à tortura da superlotação e as viagens são feitas no pinga-pinga. O rastreamento por longo tempo, também o índice de regularidade é precaríssimo. Na Prefeitura Municipal de Engenharia encontra-se um estudo dos engenheiros Moore e Charlesworth sobre as condições de segurança do tráfego carioca. Embora

antigo, e de uma época em que as empresas de ônibus não haviam chegado ao grau de descalabro que hoje registram, o estudo dos dois técnicos da "Administração de Assistência Técnica das Nações Unidas" demonstra que um grupo de 1.000 veículos que provocaram 450 acidentes pessoais em 1951, 450 desses veículos eram os ônibus de passageiros. Vejam o quadro elaborado pelos engenheiros Moore e Charlesworth:

FREQUENCIA DE ACIDENTES	
Tipo de veículo	acidentes p/ 1.000 veículos
Carros de passeio	17
Táxis e lotações	57
Ônibus	450
Cargas	28
Bonde	49

Assinala o estudo que 45% dos acidentes eram devidos aos ônibus, embora esses veículos, na época, constituíssem apenas 10% do total dos veículos do Rio. Apressadamente se atribuem aos motoristas, e é comum a expressão "logico do volante" a responsabilidade por esse número de acidentes. Ignora-se porém, que os veículos não dispõem de manutenção adequada; as empresas não são organizadas e a maior parte dos empresários adota o sistema de "comissões" de

empresários. Não foi, portanto, os engenheiros Nóbis e Lacerda, mas o alto grau de burocracia dos motoristas cariocas. Pela desorganização e deslealdade dos empresários, o transporte coletivo é um caos.



Economistas: formatura foi definição

Sem o comparecimento do diretor da Faculdade de Ciências Econômicas e do reitor da Universidade do Estado da Guanabara, realizou-se a solenidade de formatura da turma de economistas de 1961, que teve como paraninfo o deputado Almino Afonso. A estranha atitude dos representantes oficiais da U.E.O. foi tomada em represália ao fato dos jovens economistas terem como patrono o governador Leonel Brizola.

A solenidade contou com a presença de figuras destacadas do mundo político e econômico entre os quais, o prof. Querreiro Ramos, economista Acelyo Borges, deputado Cláudio Freitas, prof. Hélio Marques da Silva, prof. Manoel Orlando Ferreira e de um representante do B.N.D.E., além de diversos professores daquela Faculdade. O deputado Almino Afonso, em sua oração, depois de agradecer a homenagem recebida

fêz uma análise da situação econômica do país, reclamando a necessidade de uma Reforma Agrária que classifica como o "no górdio da problemática brasileira" e que significa a revisão das relações jurídicas e econômicas dos que detêm e trabalham a terra com o objetivo de uma melhor distribuição da renda agrícola. Em outro trecho de sua oração, classificou de insensibilidade a posição das classes conservadoras que procuram evitar as reformas de base dentro da legalidade democrática, afirmando: "Eu imagino que a revolução brasileira — entendendo-a precisamente como a modificação das estruturas sociais e econômicas do país — possa realizar-se em plena legalidade democrática, e anseio que seja assim; mas o que não deixará de ocorrer é a revolução brasileira". Na foto, aspecto da solenidade.

Greve Derrota o Peleguismo em Paranaguá: Ensacadores de Café

CURITIBA, março (Da sucursal) — Nos últimos dias de fevereiro os ensacadores de Paranaguá obtiveram, através de uma greve geral de setenta e duas horas, que paralisou completamente a exportação de café importante vitória para o movimento sindical paranaense: o alinhamento, da direção do Sindicato dos Ensacadores e Carregadores de Café, do pelego João Marques da Silva, falso representante da classe operária que durante longo anos, na base do terrorismo e com a cumplicidade das autoridades, dominou aquela entidade, tendo praticado ali as mais escabrosas falcatruas. João Marques da Silva é ligado ao aparelho policial do Estado, sendo notória em Paranaguá a sua condição de "agente de polícia". Sua folha de dirigente sindical é caracterizada sobretudo pelo cometimento de violências, que vão desde espancamentos a prisões absurdas de associados discorantes de sua orientação desastrosa, e pelo emprego em proveito próprio das verbas e recursos da organização de classe que vinha aviltando.

bosa, mais conhecido por "Taturana". Da emboscada resultaram feridos mais três associados do Sindicato dos Ensacadores, além de uma criança. "Taturana" é um antigo e prestigiado militante sindical de Paranaguá, e vinha liderando a luta contra as irregularidades e arbitrariedades praticadas pelo pelego João Marques da Silva. A responsabilidade deste no atentado ficou desde logo positivada. Os ensacadores, empenhados na recuperação do Sindicato da categoria, reuniram-se em assembleia e declararam greve total até a destituição de João Marques da Silva da presidência do seu organismo representativo.

vitoriosos. O interventor procedera à apuração das acusações, que pesam sobre João Marques da Silva, que deverá ser processado criminalmente como delinqüente comum que é.

ELEIÇÕES

Os trabalhadores, agora que puseram fim ao reinado de corrupção e violência instaurado de longa data pelo audacioso pelego João Marques da Silva, estão com suas vistas voltadas para as eleições de uma nova diretoria, de acordo com o que prevê a legislação trabalhista. É grande a movimentação no pórtico em relação ao pleito. Várias chapas com elementos democráticos e devotados lutadores pelos interesses da classe já estão sendo organizadas. Os ensacadores e carregadores de café não escondem seu contentamento pela vitória alcançada e pretendem ampliar-a colocando à frente de seu sindicato homens realmente identificados com suas reivindicações e estranhos à área do peleguismo policial, nódulo que por tanto tempo prejudicou sua organização de classe, uma tradição de unidade e luta da orla marítima paranaense.

INTERVENÇÃO

No terceiro dia da unidade e bem conduzida parade o Ministério do Trabalho, através do Delegado Regional do Trabalho em Curitiba, sr. Miguel Daltchman, interveio no Sindicato e afastou João Marques da Silva e toda a diretoria das funções que estavam deslustrando. Foi nomeado interventor no Sindicato o sr. Pedro Lenzi, que tomou posse imediatamente. Ensacadores e carregadores de café voltaram então ao trabalho,

CONFLITO E GREVE

Na madrugada de 23 de fevereiro traçoira carga de revólver vitimou gravemente Adevonal Marques Bar-

Tarefas Políticas dos Comunistas da Guanabara

Os comunistas da Guanabara, depois de aprofundados e democráticos debates sobre a situação política e suas atividades, chegaram às seguintes conclusões básicas:

1 — A transição do capitalismo ao socialismo, a superioridade do sistema socialista que se transforma cada vez mais no fator decisivo do desenvolvimento da sociedade humana, a desintegração do sistema colonial do imperialismo e o aprofundamento da crise geral do capitalismo são as características principais da época em que vivemos.

O triunfo da Revolução Cubana e seu ingresso no caminho do socialismo significa a ruptura da cadeia imperialista ali onde parecia mais difusa — no continente americano. Aproximase, assim, o fim irremediável do imperialismo em todo o mundo.

2 — É neste quadro internacional favorável e numa situação interna marcada pelo ascenso das lutas das massas e pelo agravamento da crise de estrutura da sociedade que se desenvolve a revolução brasileira.

Os efeitos dessa crise estrutural determinados pelo aumento da exploração e dominação dos trustes norte-americanos, assim como pela permanência do latifúndio agravam a inflação descontrolada e fazem-se sentir cada vez mais intensamente sobre as grandes massas. Acentua-se a situação de miséria dos trabalhadores da cidade e do campo; intensifica-se o processo de pauperização da classe média e a burguesia ligada aos interesses nacionais sente cada vez mais as dificuldades criadas ao seu desenvolvimento.

3 — Reagindo a esta situação, crescem as lutas do povo brasileiro pela libertação nacional, por uma reforma agrária radical, em defesa das liberdades democráticas e por melhores condições de vida.

Em conseqüência, aumentam a organização e as atividades da classe operária, expressadas no II Encontro Sindical Nacional, na vitória das eleições para a CNTI e nos êxitos alcançados na defesa de suas reivindicações específicas. Eleva-se o nível de organização e de luta dos camponeses, traduzido na movimentação contra a exploração dos latifundiários, por uma reforma agrária radical, na organização das associações de lavradores e ligas camponesas e no Congresso de Belo Horizonte. Cresce, também, a unidade e organização dos estudantes e do funcionalismo; intensifica-se a luta contra a carestia, tendo à frente as mulheres; enfim, ascendem as lutas e a consciência política do povo, como ficou evidenciado durante a crise de agosto de 1961.

O reatamento de relações diplomáticas com a União Soviética, a aprovação, pela Câmara, do projeto sobre a remessa de lucros e a anistia pelo Congresso, a posição adotada pelo governo em Punta del Este, as medidas de reforma agrária que estão sendo adotadas pelo governador Brizola, a encampação da Companhia Telefônica pelo governo gaúcho, são vitórias que comprovam esse ascenso.

4 — O atual governo, fruto da conciliação, realiza uma política de compromisso com o imperialismo norte-americano e seus agentes internos e com os latifundiários. Neste governo afloram com muito mais nitidez todas as contradições em que se manifesta a crise de estrutura existente no país. É um governo heterogêneo, débil, instável e, em essência, reacionário e entreguista. Não pode, por isso mesmo, merecer senão a oposição do povo e dos comunistas.

5 — Começam a surgir no quadro da situação nacional os traços de uma nova crise política, conseqüência lógica da crise de estrutura porque passa o país, do reagrupamento das forças da reação, da política de conciliação e apaziguamento do governo e das lutas das massas.

Em tais condições, avançam com maior vigor as lutas do povo brasileiro pela libertação nacional e pelas reivindicações populares, criando-se condições para a formação de um governo de coalizão, que represente no poder estatal as forças integrantes da frente nacionalista e democrática. Coloca-se, hoje, mais do que antes, para a classe operária e para os comunistas a necessidade de levar à prática a tarefa central da luta por soluções positivas e por um governo nacionalista e democrático, capaz de realimentar na marcha para a conquista de um governo revolucionário antiimperialista e antiféudal, sob a direção da classe operária. Nas atuais circunstâncias, um governo nacionalista e democrático pode ser conquistado pela luta das massas e por sua pressão sobre o Parlamento e o Governo no sentido de substituição do atual gabinete ministerial. Esta é a solução viável, a solução justa, para enfrentar os problemas imediatos postos na ordem-do-dia pela atual situação política.

O caminho pelo qual vem avançando o movimento revolucionário, nas atuais condições, continua sendo pacífico e implica na utilização de todas as formas legais, mas nada tem a ver com a passividade e o legalismo, "significa a realização das tarefas revolucionárias sem que seja inevitável a insurreição armada ou a guerra civil. O avanço do movimento revolucionário por um caminho pacífico exige a mobilização das massas, a ação enérgica dos trabalhadores e do povo para quebrar a resistência das forças entreguistas e reacionárias" (Resolução Política da Convenção Nacional e, portanto, também, a preparação política dos comunistas e das massas para passar, rapidamente, de uma forma de luta a outra).

6 — Dentro do panorama nacional, apresenta particular importância política a situação do Estado da Guanabara, à frente do qual se encontra o governo Lacerda. Agente do imperialismo norte-americano, Lacerda procura transformar o Estado em trampolim para o assalto ao poder central por meio de provocações e golpes reacionários. Incapaz de solucionar os problemas básicos das massas habitação, água, transporte, educação, abastecimento, etc., Lacerda volta-se contra o povo, agravando as condições de vida das grandes massas, com o aumento dos impostos e das tarifas do serviço público, atentando contra a democracia e desencadeando intensa agitação, objetivando barrar o processo democrático em curso no país e implantar uma ditadura terrorista sob a surrada bandeira do anticomunismo. Crescem, por isso mesmo, o clima de insatisfação e de lutas contra o governo de Lacerda.

A luta contra o governo de Lacerda, a denúncia sistemática de seu caráter profundamente reacionário, entreguista e golpista, junto às massas, a ação permanente para isolá-lo e chegar até seu afastamento do poder, devem constituir preocupação permanente dos comunistas. Essa tarefa só pode ser realizada em estreita ligação com a organização e mobilização das amplas massas da Guanabara na luta por suas reivindicações específicas, na empresa, na escola, nas repartições, nos bairros e nas favelas, com a formação de uma ampla frente única anticlericalista.

Nessa luta pela aglutinação de todas as forças da frente única no Estado da Guanabara, coloca-se em primeiro plano a necessidade da estruturação da FLN, que deve incluir as organizações populares e estudantis, partidos e forças políticas nacionalistas do Estado, e ter seu principal ponto de apoio nas empresas, nas escolas,

nas repartições, nos bairros, nas favelas, na zona rural, etc.

A iniciativa do movimento operário organizado, visando a contribuir para a união das entidades populares políticas e outras, no Estado, em torno de uma plataforma local da FLN, a ser por todos elaborada, deve ser apoiada e estimulada pelos comunistas.

Nesse quadro, assumem particular importância as eleições de outubro próximo. Elas proporcionam a oportunidade de desenvolver amplamente o trabalho pela formação no Estado de uma ampla frente eleitoral anticlericalista, de ir às grandes massas, elevar a sua consciência política e de unir as forças populares em torno de uma plataforma nacionalista e democrática, levando à vitória os candidatos nacionalistas e democratas e derrotando os candidatos de Lacerda. A mobilização eleitoral das massas é inseparável das lutas pelas reivindicações imediatas, por soluções positivas e por um governo nacionalista e democrático, no curso da própria campanha eleitoral.

Desde já, precisamos intensificar os entendimentos com as demais forças políticas do Estado e realizar intenso trabalho de abastecimento de novos eleitores, criar amplos comitês eleitorais e influir na escolha de candidatos que representem os interesses do povo. Desta forma, poderemos contribuir decisivamente para que seja eleita uma bancada nacionalista e democrática da qual participem representantes comunistas.

7 — As tarefas decorrentes da atual situação política e das exigências da luta antiimperialista e antiféudal de nosso povo requerem que nos coloquemos à altura do momento histórico que vivemos. Podemos verificar, através do balanço realizado em nossa atividade, que houve no período transcorrido desde a última discussão, um processo real de assimilação e aplicação da linha política. Isto se traduz na maior ligação com as massas, no crescente papel desempenhado pelos comunistas nas lutas que se realizaram, no crescimento da sua influência política, no aumento dos seus efeitos, no surgimento de novos quadros e no reforço da unidade. Índice dessa verdade foi a posição acertada, combativa e de iniciativas da maioria dos militantes durante a crise de agosto-setembro de 1961. Ao mesmo tempo, o balanço revelou debilidades no conjunto do movimento comunista e na atividade dos dirigentes. Tornou-se evidente a presença de tendências de direita, reformistas (notadas nas direções) economistas e igualmente de tendências de esquerda, sectárias e dogmáticas, sendo que estas últimas se refletiram de forma mais evidente no informe apresentado pelos dirigentes regionais.

No que respeita à atividade dos dirigentes, foi particularmente assinalada a subestimação do trabalho planejado e do controle, relações injustas entre a direção restrita e a direção regional, assim como outras debilidades às quais não é estranha a falta de ligação mais estreita e eficiente dos dirigentes nacionais com os dirigentes regionais.

Essas tendências errôneas, no conjunto do movimento e estas falhas no trabalho de direção precisam ser combatidas, o que só pode ser feito à base da luta ideológica, levada fraternalmente de alto a baixo, dentro das normas estabelecidas de modo a que todo o movimento e suas direções tornem-se aptas a cumprir o seu papel revolucionário.

A luta pela assimilação e aplicação de linha política tem que repousar principalmente na concentração de nossos esforços nas grandes empresas com o fim de construir poderosas organizações de bases, estruturar a FLN, de modo a ganhar a classe operária e todo o povo para a

luta pelos objetivos políticos gerais ligados às reivindicações específicas.

Na luta pelo reforçamento do movimento jogam um grande e importante papel os planos de sua construção. Neste sentido, devemos concentrar esforços para melhorar e reforçar o trabalho nos setores fundamentais.

A necessidade de fortalecimento do movimento comunista e do reforçamento de suas ligações com as massas obriga-nos a travar a mais entusiástica campanha pela conquista do registro eleitoral, transformando-o em poderoso instrumento para difusão de nossa linha, esclarecimento das massas sobre a necessidade do movimento comunista e a eleição de numerosa bancada comunista nas próximas eleições.

Os comunistas da Guanabara resolvem elaborar, dentro dos próximos 2 meses, uma Resolução sobre a política dos comunistas no Estado da Guanabara, apoiando-se em particular nas contribuições da presente reunião, desde as resoluções, sugestões, críticas, etc., das assembleias de base, passando pelas reuniões distritais até o levantamento na própria reunião regional.

8 — Nossas tarefas podem ser assim resumidas:

I — Organizar no Estado um grande movimento popular em defesa das liberdades democráticas, pela aprovação definitiva da lei de remessas de lucros, em apoio às medidas progressistas que vêm sendo tomadas pelo governo do Rio Grande do Sul, pelo respeito ao direito constitucional de greve, pela reforma agrária radical, por uma política externa independente tendo em vista a conquista de um governo nacionalista e democrático.

II — Mobilizar as massas para a luta por suas reivindicações mais sentidas no Estado, como sejam: contra a carestia, contra a falta d'água, por melhores transportes, luz, telefones, escolas, habitações, etc., determinando no mesmo tempo o caráter do governo Lacerda, desmascarando-o e isolando-o das massas tendo em vista chegar até o seu afastamento do poder.

III — Tomar todas as medidas práticas necessárias à organização da FLN no Estado, apoiando decididamente a iniciativa do movimento sindical organizado, com vista à elaboração de uma plataforma local da FLN. A discussão dessa plataforma nas empresas, escolas, repartições, bairros, favelas e na zona rural, deve ser acompanhada da estruturação dos núcleos da FLN, pela base.

IV — Participar ativamente da próxima campanha eleitoral, quando serão eleitos na Guanabara 2 Senadores e 21 Deputados Federais, tendo em vista a eleição de uma maioria nacionalista e democrática.

V — Intensificar o trabalho de organização de um amplo movimento popular de solidariedade ao povo cubano, de defesa de sua soberania, de sua autodeterminação, contra toda e qualquer intervenção nos assuntos internos da nação cubana. Ao mesmo tempo, no trabalho de propaganda, todas as organizações comunistas devem se empenhar em esclarecer as massas sobre o verdadeiro significado da revolução socialista de Cuba.

VI — Intensificar a campanha pelo registro eleitoral completando a cota de assinaturas, difundindo seu programa e estatutos, abrindo sedes e realizando manifestações públicas.

VII — Reforçar as fileiras do movimento comunista, através do cumprimento das tarefas contidas no plano de construção (que terminará em março próximo) e das tarefas dos planos de construção posteriores.

VIII — Programar as comemorações do 40.º aniversário do PCB, dando-lhes um caráter de massas.

IX — Tomar as medidas adequadas em todos os escalões no sentido de difusão e ajuda a NOVOS RUMOS, Rio, fevereiro de 1960.

A Cidade

Ana Montenegro

Uma Festa

Internacional

Desde as mais remotas eras, os donos do mundo colocaram a mulher numa situação de inferioridade, nos vários códigos que regulamentaram até hoje, os direitos das gentes, e ate nas seitas religiosas. Já houve tempo em que o catolicismo afirmava que a mulher não tinha alma. No alvorecer do século XX, porém, as mulheres tiveram a consciência despertada para as lutas pelas suas reivindicações, através de uma grande campanha pelo direito de voto. A revolução industrial, que começou na Inglaterra em 1765, dava os seus primeiros frutos: as mulheres participavam, cada vez em maior número, da produção. Mas só o advento da revolução socialista, em 1917, deu à mulher uma situação de plena igualdade social com os homens. E a crise desse acontecimento, que tornou infinitas as dimensões dos sonhos de bem-estar da humanidade, em quase todos os países, as mulheres, hoje, participam de todos os ramos de atividade. Mas na sociedade capitalista, as mulheres, e particularmente as mães, pagam um pesado tributo por essa participação. Cumprem duas jornadas de trabalho: a do escritório, da fábrica, da escola ou da oficina e a doméstica. Aqui, nesta cidade, apertada por um círculo de problemas, sabemos como são cansativas essas jornadas de trabalho, que começam de madrugada, nos subúrbios distantes, e terminam depois que o dia acaba, em filas quilométricas. É a agonia dos ônibus, onde há, sempre, gente sobrando pelas portas. É o aperto nos tremes, que, às vezes, nem chegam. É a falta de escolas maternas e de creches, para deixar as crianças. É a falta de jardins para elas brincarem. Não há restaurantes populares, nem lavanderias, para atender às famílias. As habitações não têm nem espaço, quanto mais conforto. E há milhares de heroínas anônimas que vão tecendo as suas vidas, as de seus maridos e as de seus filhos, com grandes sacrifícios e pequenas alegrias. Mas os administradores desta sociedade, que desconhecem e até odeiam estas conquistas, que a própria vida realiza todos os dias, às vésperas do Dia Internacional da Mulher (8 de março), deram à população feminina do Estado da Guanabara um depósito para presas, na Polícia Central, à moda capitalista, em nome da humanidade e da democracia, e sob a proteção de São Judas Tadeu, promovido a carcereiro de mulheres. No entanto, enquanto alguns desperdícios promovem solenidades para inaugurar depósito de presas, milhões de mulheres em todos os continentes promovem uma festa de amizade e de esperanças no futuro, para comemorar o DIA INTERNACIONAL DA MULHER.

Acampamentos Abalaram a Estância Os Latifundiários em Pânico Investem Contra Brizola

Reportagem de Rui Facó,
enviado especial de NR ao R. G. do Sul

O ruído de alto-falantes, irradiando discursos, chegava até o refeitório do hotel, no centro de Porto Alegre. Mesmo sem conhecer a cidade, sai a rua. Anotice e os bondes passavam repletos. Algumas carruagens pulcarras e cavalo misturavam-se familiarmente com os automóveis.

— Que comício é este? perguntou ao primeiro que encontrou, na periferia da multidão, atento ao orador, que não fazia era um estanciado.

Comício pela reforma agrária. De aqui aos "acampamentos".

O jovem orador deixa o microfone, outro também o faz. É um homem de 40 anos, aproximadamente, cabelos brancos, voz clara, vibrante, incisiva. Revela-se, de repente, um bom conhecedor da vida do homem do campo rio-grandense. Fala de seus contatos com a comunidade do Sul do exemplo que eles deram, e não em junho de 1950, fundando o Movimento dos Agricultores Sem Terra, o MASTER — destinado a impulsionar a luta pela reforma agrária. Depois, cita algumas cifras comparativas da produção e da produtividade na zona da Colônia e na zona da Fronteira, argumenta, discute, com um suposto interlocutor:

— O velho Flodardo Silva lançou um apelo às mulheres gaúchas, falando de supostas ameaças que pesariam sobre seus lares com a atual luta pela reforma agrária. Velho Flodardo, você sabe muito bem como vive a mulher gaúcha no campo! O latifúndio não faz apenas espulhar o homem; desonra e humilha também a mulher. Veja, por exemplo, velho Flodardo, que enquanto na zona da Colônia a estatística oficial registra um número de filhos legítimos de 2 a 3 por cento, na Fronteira, onde domina absoluto o latifúndio, esta porcentagem se eleva a mais de 20! Por que, velho Flodardo Silva? Por causa da miséria a que o latifúndio reduz a família do peão, pois o latifundiário, seus filhos, seus apunhaquados têm poder indiscutível sobre a vida e sobre a honra dos que lhes servem...

— E' verdade! Muito bem! — gritam entre a multidão. Os aplausos e o foguetório não haviam deixado ouvir o nome do orador. Pergunto a alguém a meu lado. — Este é o prefeito de Encruzilhada do Sul, Milton Serres Rodrigues. E' também presidente do Movimento dos Agricultores Sem Terra...

Milton Rodrigues termina seu discurso, estouram foguetes e ouve-se uma banda de música que se aproxima. Em alguns minutos, desfila junto ao palanque dois oradores, em passo marcial, um contingente de operários dos transportes urbanos de Porto Alegre. Todos uniformizados e com seus denses faixas em que se lêem palavras de solidariedade aos "acampamentos" pela reforma agrária. Maior entusiasmo demonstra a multidão ante a presença dos representantes dos transviários, que passam garbosos, entre palmas e vivas.

presentantes dos mais conhecidos e categorizados do latifúndio pecuario gaúcho. São eles os remanescentes, em plena decadência, de uma casta de antigos caudilhos que teve seus dias de glória e que se findam melancolicamente. E em vão que hoje eles "lançam o grito", ainda que tenham as sedes de suas estâncias, famosas na Fronteira repletas de armas contrabandeadas. O grito se perde nas colinas. Os peões não os conhecem mais. Sabem os velhos os velhos, mas não podem mais emitir o grito, já não têm mais o que dizer. São os homens de Botafogo. Os peões se estão libertando do antigo estabelecimento feudal dos estancieiros. Estes ainda possuem armas, suas fazendas ocultam verdadeiros arsenais, tal qual seus antepassados.

— Somos um povo acampado a espera do toque de reunir — escrevia um ensaísta gaúcho. A grande diferença hoje é esta: os "acampados" não obedecem mais a voz de comando dos estancieiros. Os "acampados" lutam hoje por seus próprios interesses. Ganham consciência de sua condição de explorados e oprimidos — e reagem com mais ardor do que outrora combatiam por seus senhores. Se ainda existem remanescentes das antigas "milícias rurais" do pampa que o r e r e s p o n d i a m as "guardas locais" do latifúndio nordestino, não passam elas da sombra do que foram. Os peões libertam-se — esta é a grande realidade demonstrada pelos "acampamentos" iniciados na Fazenda Sarandi, em janeiro deste ano.

Nenhum sintoma tão evidente da decadência dos velhos estancieiros gaúchos do que a existência mesma dos "acampamentos", fenômeno que se observa hoje por todo o Rio Grande do Sul, na companhia como na colônia, junto às estâncias — às centenas, aos milhares, durante dias seguidos, deixando o estancieiro inquieto e nervoso, mas já impotente.

Viriato Vargas ameaçou à moda antiga: "Reagiremos de armas nas mãos!" Eis o que resta da famosa bravata gaúcha. Acrescentou o velho estancieiro ser "preferível a isurrelção sangrenta". Desajaria, com a ajuda de forças exteriores à fazenda — porque com as suas não conta mais — esmagar um levante extemporâneo dos sem-terra. Porque sabe que o "acampamento" é um início de mobilização geral dos miseráveis do campo rio-grandense, é uma acumulação de forças, uma tomada de consciência, um despertar que se generaliza. E, mais do que tudo, um desafio aberto ao latifúndio, no Rio Grande e no Brasil.

Todos sabem, no Rio Grande do Sul, que a bravata de Viriato Vargas — "reagiremos de armas nas mãos" — não corresponde mais a uma realidade promissora para o estancieiro. Ele não teria futuro numa luta armada, porque o seu antigo poderio está comprometido por dentro, no próprio âmago da estância, na sua derrocada econômica e no crescimento de forças sociais que lhe são direta e radicalmente opostas.

O MASTER
Engana-se quem supõe que os atuais "acampamentos" a luta pela terra no Rio Grande, surgiram de um capricho de Brizola. Os sintomas de ruína em toda a economia agropecuária gaúcha vinham de longa data. O Rio Grande perdura, de muito, a antiga primazia em sua principal "indústria", a criação de gado. Do primeiro lugar no Brasil, passou ao segundo, ao terceiro, ao quarto, que ocupa hoje, não muito seguro.

Na produção do trigo sabe-se o que foi a debacle nos últimos anos: de mais de 1 milhão de toneladas está reduzida a aproximadamente 150 mil. A cultura do arroz é cada vez mais onerosa, com o preço da terra arrendada, pagando o rizicultor, cada ano, o próprio valor da terra que cultivava. Conseqüência social imediata: a fuga do homem do campo para o marginalismo urbano — porque as indústrias são poucas — e sobretudo para fora do Estado. Calcula o economista gaúcho professor Paulo Schilling que cerca de 500 mil rio-grandenses do sul vivem

hoje em outros Estados. Milhares emigram para a Argentina e o Uruguai, onde muitos se dedicam a labores agrícolas, como vem a saber em contato com famílias de Uruguiana.

Os que ficam reagem de outra maneira: estão decididos a lutar por uma mudança na situação que os reuza à miséria. Muitos antes dos atuais "acampamentos", fundavam-se no município de Encruzilhada do Sul, em meados de 1960, o já referido Movimento dos Agricultores Sem Terra, que tampouco nasceu improvisado, mas como fruto de uma realidade local, seriíssima.

Mais de 300 lavradores sua terra procuravam reagir a tentativa de um proprietário de expulsão do Município de Itapuaçu, na época de Brizola, e produziam, ligadas a agricultores, havia mais de trinta anos. O Movimento estruturou-se justamente a base de sua resistência ao arrolar no dono da terra. Registou-se como entidade civil, ajudado por um plantador de trigo, Milton Serres Rodrigues, que em breve se tornaria dirigente conhecido dos agricultores sem terra. A fundação do Movimento foi comunicada à Câmara Municipal, ainda em junho de 1960. Seus estatutos previam, entre outros dispositivos, o combate aos altos preços do arrendamento e promover o acesso do agricultor sem terra ao domínio da gleba rural; ajustar a organização de núcleos coloniais de camponeses sem terra; combater o alto custo e as deficiências dos meios de produção rural — material agrícola, adubos, inseticidas, combustíveis, terra tributada, transportes; obter a fixação de preços mínimos para os produtos agrícolas; fomentar a policultura; lutar pelo direito de voto ao agricultor analfabeto; apoiar todas as medidas de reforma agrária.

O IGRA
Quase ano e meio depois, o governador Leonel Brizola cria o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária — o IGRA — a 14 de novembro de 1961. O IGRA define-se como um "órgão promocional e de planejamento, diretamente subordinado ao governador do Estado, através do Conselho de Desenvolvimento", tendo entre suas finalidades principais: promover o acesso à terra e a propriedade dos agricultores sem terra — parcelas, arrendatários e assalariados rurais — e das populações marginais egressas do campo; promover a organização de núcleos coloniais e comunidades agrícolas, dentro das modernas técnicas de colonização e produção; legalização das terras ocupadas pelos pequenos agricultores; fomentar a organização de cooperativas e incentivar o espírito associativo e cooperativista entre as populações rurais; cadastrar os agricultores sem terra ou com terra insuficiente (minifúndios) e seus familiares; cadastrar os desempregados, rurais e urbanos, e suas famílias; cadastrar as populações desabitadas ou precariamente habitadas a realizar estudos sobre as necessidades habitacionais e as tendências do déficit de habitações na zona rural e urbana; incentivar a criação e auxiliar a manutenção de associações de agricultores com ou sem terra, sindicatos rurais e associações de desempregados.

Como era natural, semelhantes iniciativas encontraram repercussão a mais favorável em todo o Rio Grande do Sul. Quem se lhes oporia? Apenas uma minoria insignificante: os grandes estancieiros e seus apunhaquados, egoisticamente interessados em manter a situação atual, calamitosa para todas as demais classes e em particular para os trabalhadores.

SARANDI E CAMAQUÁ
A Fazenda Sarandi era um desses escândalos, que não são poucos no Rio Grande do Sul, de terras ótimas para serem cultivadas e no entanto entregues a um sistema predatório de exploração por uma empresa sediada em Montevideo. Levavam-lhe particularmente as madeiras de lei, das quais se efetua uma verdadeira devastação nas de há muito desflorestadas terras gaúchas. Existe uma autêntica rãzia dos bosques remanescentes.

Os irmãos Mallos faziam parte, como proprietários dos 22 mil hectares das terras da Fazenda Sarandi, dessa cãfila de traficantes de madeira de lei, que consi-

tituem hoje uma praga pior do que o fogo que devasta as matas para os plantios de roca. O fogo atinge capotras sem valia; os negociantes e exportadores de madeiras vão ao coração da floresta, devastar os melhores exemplares de uma flora que necessitou de séculos para crescer. Os terrenos da fazenda apropriados para culturas estavam ao completo abandono. No entanto, ali bem próximo, população em terra viviam mergulhadas na pobreza extrema, tendo diante de si a única alternativa de emigrar para as cidades, tornando-se marginais.

Ninguém nega que o formidável "acampamento" de meados de janeiro junto à Fazenda Sarandi — que ocupa quase uma terça parte de todo o município de Sarandi — tenha sido favorecido pelos prefeitos da zona. Ninguém nega, tampouco, que algum destes altamente objetivos eleitores em sua atuação junto aos trabalhadores sem terra. Mas, quem pode contestar, também, que se não houvesse já um estado de espírito propenso à luta pela posse da terra não teria sido possível essa rápida mobilização de mais de 6 mil pessoas — trabalhadores sem terra, meeiros, arrendatários — junto à Fazenda Sarandi?

Em face a semelhante acontecimento, o governador Brizola não podia ter sido senão, como criou — coerente com suas promessas e seus próprios decretos relativos à questão agrária, imediatamente desapropriada Sarandi, a fim de atender aos reclamos de uma parcela ao menos dos "acampados", pois a fazenda não dá para mais de mil agricultores.

O caso do Camaquá é ainda mais escandaloso. Talvez sejamos o único país do mundo onde o governo realiza obras de saneamento — como as da Baixada Fluminense, com os dinheiros do povo — e essas obras vão aproveitar a meia dúzia de grandes proprietários rurais.

Em Camaquá, em proporções menores, estava acontecendo assim. Terras pantanosas do famoso "banhado" do Colégio, propriedade do Estado desde 1953, vinham sendo criminosamente griladas por alguns latifundiários vizinhos, na medida em que o pantano se virava um problema normal para se converter em causa política, de agitação social desnecessária e temerária.

O deputado Poli Medeiros (UDN), em discurso na Assembleia Estadual, referiu-se aos acampamentos dos sem-terra como "um movimento que alarmou e intranquilizou, que vem alarmando e intranquilizando as nossas populações interioranas, com reflexos em todo o país". Nesse meio tempo, Brizola havia sofrido a mais brutal pressão que se possa imaginar: o presidente da República mandara chamá-lo a Brasília. Fora, depois, ele próprio à sua procura no Rio Grande. Apelara-se para o III Exército, e alguns comandantes reacionários faziam declarações dúbias sobre a "ordem" e a "lei". Certo dia, correu a notícia em Porto Alegre de que o Conselho de Segurança Nacional sugerira a intervenção federal no Estado.

Brizola fez uma proposta à FARSUL: constituir uma comissão mista para estudar o problema e formular sugestões. A FARSUL, algumas horas depois, dava a conhecer sua resposta. De acordo, com uma condição: "Manifestar a V. Exa., como condição preliminar de liberdade pela Assembleia, sejam adotadas providências capazes de fazer cessar a mobilização e arrempegamento dos camponeses" (Correio do Povo, de Porto Alegre, 10-II-1962).

tuou absolutamente convencido de que a saída de Brizola tivesse vindo sem ter sido precedida pelos "acampamentos", não teria havido o enorme alarde que se levantou no Rio Grande do Sul e se espalhou pelo Brasil inteiro, como se tivesse ocorrido uma catástrofe!

Os velhos bonzos ergueram-se de seus pagos e vocaram, lépidos, para Porto Alegre. Ameaçaram, investiram Brizola, apelaram para o Presidente da República — grande latifundiário e que melhor os pode compreender —, recorram a Justiça, mandaram mensagens ingenuas para a FARESP — a cátedra da FARSUL em São Paulo, implorando mais do que solidariedade — socorro! Já menciono o fato de terem os "ruralistas" gaúchos passado a reunir-se em sessões permanentes, na sede da FARSUL em Porto Alegre. Este fato me foi confirmado por várias pessoas. Mobilizou-se toda a máquina a serviço da FARSUL — advogados, peritos em problemas agrários, economistas, seus porta-vozes na Assembleia Estadual e na Câmara Federal, e começaram as "entrevistas" à grande imprensa, declarações solenes dos estancieiros de nomes mais sonoros — Viriato Vargas, Lúvardo, Flodardo Silva. Todos os antagonistas políticos de Brizola como que ressuscitaram da tumba: Meneghetti, Peracchi Barcelos, Vetter Jobim, todos solidários incondicionalmente com a FARSUL, todos defendendo de unhas e dentes o latifúndio gaúcho que se dizia ameaçado.

Ameaçado com as desapropriações de duas fazendas. Não. Ameaçado pelos "acampamentos" do sem-terra. Este o grande pecado de Brizola, pecado mortal, imperdoável: ter permitido os "acampamentos". Peracchi Barcelos, em entrevista ao "Diário de Notícias" de Porto Alegre, falava em "subversão da ordem constitucional".

O presidente da FARSUL, Sauri Pastous de Freitas, falando na Rádio Guaíba, trazia o alarme dos "ruralistas". "A reforma agrária no Brasil — dizia ele — especialmente no Rio Grande do Sul, deixou de ser um problema normal para se converter em causa política, de agitação social desnecessária e temerária". O deputado Poli Medeiros (UDN), em discurso na Assembleia Estadual, referiu-se aos acampamentos dos sem-terra como "um movimento que alarmou e intranquilizou, que vem alarmando e intranquilizando as nossas populações interioranas, com reflexos em todo o país".

Nesse meio tempo, Brizola havia sofrido a mais brutal pressão que se possa imaginar: o presidente da República mandara chamá-lo a Brasília. Fora, depois, ele próprio à sua procura no Rio Grande. Apelara-se para o III Exército, e alguns comandantes reacionários faziam declarações dúbias sobre a "ordem" e a "lei". Certo dia, correu a notícia em Porto Alegre de que o Conselho de Segurança Nacional sugerira a intervenção federal no Estado.

Brizola fez uma proposta à FARSUL: constituir uma comissão mista para estudar o problema e formular sugestões. A FARSUL, algumas horas depois, dava a conhecer sua resposta. De acordo, com uma condição: "Manifestar a V. Exa., como condição preliminar de liberdade pela Assembleia, sejam adotadas providências capazes de fazer cessar a mobilização e arrempegamento dos camponeses" (Correio do Povo, de Porto Alegre, 10-II-1962).

«GOLPE» DA MERCEDES BENZ UTILIZANDO A PETROBRÁS

Negociata do Gás Liquefeito a um Passo da Concretização

A negociata em torno da importação, pela Petrobras, de gás liquefeito do petróleo da Argentina que, se consumida, carreará para grupos econômicos dos dois países indenizáveis lucros anuais da ordem de três bilhões de cruzeiros, ficou a um passo da concretização, com a autorização da Petrobras, capitulando diante de pressões da Mercedes Benz (principal beneficiária do escândalo), para a assinatura do competente contrato. A transação consiste na compra, pela Petrobras, de gás argentino, fornecido à alta taxa "Gaz del Estado", por preço variado de mais alto por tonelada do que o mercado mundial do produto; gas que seria pago com a exportação para o Prata de caminhões e ônibus de fabricação da Mercedes Benz colocados na Argentina a preços majorados de 20 por cento em relação aos cobrados no Brasil. As negociações, em curso desde meados do ano passado, vinham sendo encaminhadas através de uma empresa uruguaiana denominada FAROS, encarregada das transações da "Gaz del Estado" para o exterior, mediante proposta que entrega a grupos ligados ao presidente Frontizi. Sabe-se agora que uma carta do embaixador brasileiro na Argentina, dirigida ao Itamarati, afirmou ser possível, desde que seja excluída das negociações a Intermediária uruguaiana, conseguir um preço menor para o gás. Entendimentos diretos com a "Gaz del Estado" foram aconselhados pela autoridade diplomática. Levada ao conhecimento da Petro-

bras a informação do embaixador brasileiro foi comunicada ao Conselho Nacional de Petróleo, que pediu e obteve, do Itamarati, confirmação da notícia. Já de posse da autorização do CNP para efetuar o ajuste, a Petrobras tomou conhecimento de decisão de enviar a Buenos Aires um técnico para examinar o problema. Cre-se todavia que tal medida tenha sido tomada apenas para ganhar tempo, ou para discutir uma outra sutileza do acordo, uma vez que o processo referente ao contrato já foi entregue na Petrobras, a Assessoria Geral de Contratos, dirigida por Silvio Cavalcante Pessoa, chefe do general Nelson de Melo e pelo advogado Roberto Toledo. A posição desses dois funcionários da nossa empresa estatal é conciliada como abertamente favorável ao contrato. O arranjo está, pois, por um fio, para sua celebração: defeito extremamente prejudicial aos interesses nacionais mas que proporcionara aos componentes do grupo Mercedes Benz que tem como duns de suas figuras principais o senhor Juscelino Kubitschek e o deputado presidente Maurício Andrade uma autêntica orgia de lucros, originada da exploração das nossas divisas. Avido dos dólares de fonte fácil tal grupo, enquanto emprega os mais convincentes "argumentos" de corrupção por trás dos bastidores, patrocina uma campanha de imprensa exigindo a assinatura imediata do acordo. Neste terreno, não utiliza apenas os recursos da imprensa, mas também os recursos financeiros de grupos ligados ao embaixador brasileiro na Argentina, afirmou ser possível, desde que seja excluída das negociações a Intermediária uruguaiana, conseguir um preço menor para o gás. Entendimentos diretos com a "Gaz del Estado" foram aconselhados pela autoridade diplomática. Levada ao conhecimento da Petro-

bertura aos interesses populares a sua exigência parece defendida. E o caso, por exemplo, de "Última Hora", que na sua edição de 10 do corrente, reclama, na base de argumentos chocantemente artificiais, a consecução imediata do escândalo. Por ser o único jornal até agora a levantar-se contra a imoralidade NOVOS RUMOS já vem recebendo ataque sordido da imprensa alugada: logo após denúncias a uma trama (no novo número 158) fomos vítimas de referências, no estilo da casa, da "Tribuna da Imprensa". O jornal do Clube da Lanterna, entretanto, não contestou uma seqüência de nossas denúncias, limitando-se a dizer que "um paquim vermelho que se edita nesta cidade" havia tentado provocar agitação envolvendo a Petrobras e a importação de gás liquefeito.

A negociata está deixando em muito má posição dois nomes ligados ao movimento nacionalista que, se não quiserem comprometer-se de vez, necessitam de dar urgentes explicações ao público sobre a sua nebulosa participação no caso. São os senhores Gabriel Passos, ministro de Minas e Energia, e o sr. Francisco Mangabeira, presidente da Petras. O ministro perfiha um comportamento equivocado e contraditório: enquanto informa que não concorda com a negociata, teria autorizado a Petrobras a concretizá-la. Quanto ao presidente da Petrobras não esconde mais a sua condição de conivente com o ajuste ruinoso à nossa economia, em entrevista a "O Metropolitano", favorável ao contrato.

Latifundiários Dissolvem a Bala Reunião de Camponeses: Paraíba

João Pessoa, março (Do correspondente) — Em São Miguel, distrito de Massaranduba, no município de Campina Grande, membros e capangas da família Agrária latifundiária da região, assassinaram o lavrador João Avelino da Silva e feriram gravemente vários outros camponeses. A chacina ocorreu no último domingo de fevereiro, quando um grupo de jagunços, comandado por Manoel Cabral, chefe do núcleo da zona da Agra, dissolveu a bala pacífica assembleia de camponeses que elegiam a primeira diretoria de sua liga, fundada há três semanas antes. Entre os feridos encontram-se o vereador Langstein Almeida, principal animador da organização dos lavradores, que na ocasião proferia um discurso sobre aspectos da questão agrária. Pretendendo explicar a ação de selvageria praticada por seus sérvicos, o sr. Honorato Agra, dono das terras onde verificou-se o atentado, declarou que, antes, houvera advertido de que "não permitiria ruínas selvagens em suas propriedades".

Com a notícia de que os camponeses haviam organizado uma entidade para a defesa de seus direitos, os proprietários de terra trataram de impedir o prosseguimento das atividades da mesma, ameaçando dissolver "a ecete" a reunião programada, mesmo assim quase duzentos camponeses encontravam em casa de Bento Belarmino no dia marcado. Depois de 5 minutos de iniciado a assembleia, chegou ao local o grupo agremiado com seus membros armados de cacetes e revólveres indo ao encontro dos jagunços o vereador Langstein Almeida dirigido-se a Manoel Cabral, capitão do bando, explicando-lhe que aquela reunião era garantida pela Constituição, e que aquela reunião era garantida pela Constituição, e que tinha por finalidade organizar os lavradores em associação de classe para o resguardo de seus direitos, e visando proporcionar-lhes assistência médica, hospitalar, dentária e jurídica. Cabral insistiu em que haveria reunião e, ato contínuo, um dos seus associados desferiu uma paulada no edil, tendo outro capanga investido de um revólver contra o representante do povo. Desenvolveu-se então um conflito, com a reação corajosa dos camponeses. Os facinorosos da grei de Agra fizeram o uso de suas armas de fogo, atirando contra os lavradores que procuraram refúgio no interior da residência de Bento Belarmino. João Avelino, o camponês assassinado, foi jogado dentro de casa, e pelo filho de Manoel Cabral, que aproximou-se de uma janela e atirou o coração de sua vítima com um revólver de calibre 38. Avelino, cambaleou, foi morrer nos braços do vereador Langstein, cobrindo a retirada com seqüelas desastrosas, fugiram em disparada os agressores. Tombados e banhados de sangue, além do morto, restaram no chão, gravemente feridos, José Bento da Silva e José Severino, que foram transportados para Campina Grande em estado desesperado.

liso, procurado pelos camponeses, que solicitavam garantias para a realização de sua assembleia, lícita e constitucional por todos os títulos, o delegado Luiz de Barros não tomou providência alguma, tendo-se mesmo ausentado da cidade no dia da ocorrência que toda a população previa. Na sessão do dia anterior da Câmara de Vereadores, Langstein Almeida apresentou um requerimento pedindo a seus pares que solicitassem da polícia as garantias necessárias à efetivação da reunião, assegurada e amparada pela Constituição. Valendo-se de uma prerrogativa do regimento interno da Câmara, qual seja a de adiar a votação de um requerimento desde que um vereador inscreva-se para falar sobre a proposição, o vereador Everaldo Agra, parente dos promotores da chacina, conseguiu levar o legislativo, tal como procedeu a polícia, a conivência, pela omissão, com os metralhadores dos pacatos lavradores. A fuga da Câmara de Vereadores a tomar uma posição de defesa dos camponeses, ficou claramente caracterizada pela ausência de seus membros à reunião, para a qual foram convidados por Langstein Almeida, quando este viu procrastinado o seu requerimento. Apenas o ex-vereador Oliveira, secretário executivo da Câmara, compareceu à fazenda de São Miguel, onde testemunhou a manifestação brutal da intolerância feudal, posta em pânico quando os camponeses simplesmente se associam de maneira pacífica para reivindicarem seus direitos. Aquê ex-parlamentar, de longa data identificado com as lutas populares na Paraíba, afirmou depois, em declarações à imprensa, que o atentado se constituiu em mais uma violação das liberdades democráticas e que resultou mais "da ignorância dos proprietários do que mesmo da consciência do perigo que possam representar para eles as Ligas Camponesas". Os proprietários — disse Oliveira — não compreenderam ainda o processo histórico que atravessamos e as conquistas sociais e políticas do nosso tempo. Os acontecimentos da fazenda São Miguel, entretanto, não modificaram a marcha da História nem a marcha dos camponeses para a sua organização sindical. Pelo contrário, poderão até acelerar mais ainda essa marcha.

Radio Berlin Internacional
em ondas curtas
9730 kilos Hertz — 30,83 m
desde las 18 hasta las 24 horas

18	—	19h	em espanhol
19	—	20h	em português
20	—	21h	em alemão
21	—	22h	em espanhol
22	—	23h	em português
23	—	24h	em alemão

Carnaval de Ouro em País de Miséria



FOFOCA

Acusadas pelas concorrentes de vencer um concurso não muito honroso, onde os prêmios foram decididos por trás do pano, Edith Bueno teve coragem de confessar que gastou uma verdadeira fortuna em sua fantasia inspirada num livro de Hemingway, que, já falecido, não pôde nem protestar.



REBARBATIVO

Evandro Castro Lima todo ano comparece com fantasias milionárias. Tem um prazer inextinguível em apresentar-se em passarelas vestida com milhões de cruzeiros. Convenhamos que para alguém que pense como um homem isso não deixa de ser meio rebarbativo.

Do camarote do tragicômico governador da Guanabara — não seria no carnaval que ele iria abandonar seu olho permanente e bem remunerado em Brocoio — o embaixador norte-americano Lincoln Gordon aplaudiu, freneticamente o não menos frenético Evandro Castro Lima, cuja posição social levou-o ao baile de gala do Teatro Municipal e não ao do João Caetano este ano realizado na República.

Desgrenhado, o embaixador era a própria imagem da Aliança para o Progresso. Ali, em companhia de seus aliados, para cujos progressos concorrer, deixava de lado toda a farsa oficial, reservada para os momentos solenes e as entrevistas, as recomendações lanques sobre a contenção de gastos, os planos e as austeridades nos países subdesenvolvidos para o recebimento dos dólares da Aliança.

O folião lanque vibrou com a fantasia de Evandro, que, vestido de "D. Pedro II", arrastava pela passarela, suspensa, a ninharia de dois milhões e quinhentos mil cruzeiros.

FANTASIAS

Entre intriguinhas, acusações, histerismos, milhões de cruzeiros participaram de vários concursos de fantasias, que têm como resultado a inveja, o despeito e as lamúrias dos desclassificados e a vedetíssima glória das capas de revista para os que, com marmelada ou não, recebem os louros nessas bacanais típicas da decadência do império romano.

Nem todos têm coragem de dizer quanto custou a fantasia. Alguns chegam mesmo a confessar que não dizem porque seria um acinte aos que passam fome. Falemos apenas de cinco que não tiveram pejo de declarar os preços.

No baile do Copacabana Pálace:

Regina Glaura Lemos, que tirou o 1.º prêmio com sua "Cleopatra", gastou 2 milhões de cruzeiros. Igual quantia gastaram Zélia Hoffmann, 3.º lugar, com "Kismet", e Madalena Santos, desclassificada com sua "Anastácia".

Já no baile do Municipal, os primeiros colocados, Edite Bueno, com "As Neves do Killmandjaro", e o indigitado Evandro, com "D. Pedro II", gastaram cada um 2,5 milhões.

Sem falar, portanto, em muitos outros que gastaram pouco mais, pouco menos, só aqueles cinco empresaram em gastar muitas vé-

zes bastante ridículas para usar duas ou três vezes e doar ou jogar fora, 11 milhões de cruzeiros.

MORADIAS

O Brasil tem uma população rural que beira os 40 milhões. Das habitações de nossos camponeses — palafitas, ranchos, tendas, choças, barracões — apenas 3% têm cobertura de zinco ou telha. As demais, 97%, ficam expostas às chuvas, aos rigores do tempo.

Em inúmeros municípios do interior nordestino quem dispuser de 200 mil cruzeiros poderá construir uma casa modesta — mas com os confortos da alvenaria e das telhas — com três quartos, sala, banheiro, cozinha, enfim, uma casa para áreas humanas.

Impediram os degradantes espetáculos rebolativos da alta sociedade nos bailes carnavalescos, confiscassem as fantasias dos cinco cidadãos, apenas, e 55 famílias brasileiras poderiam ter um lugar decente para viver.

BEBEDEIRA

Continuemos nos dois bailes mais famosos — Municipal e Copacabana — que são os que reúnem a fina flor dos ocidentalíssimos, cristianíssimos, representativos da democracia representativa, parceiros do folião Gordon na Aliança, dirigentes políticos do Brasil.

No baile do Copacabana pagaram ingressos à razão de Cr\$ 6.000,00 por cabeça, 2.500 pessoas, num total de 15 milhões de cruzeiros. Uma dose de uísque foi cobrada a 300 cruzeiros, a garrafa de champanha nacional 1.200,00, a estrangeira 6.000,00 e um refrigerante 100,00. Cálculos pessimistas do responsável pelo bar estimaram em 5 milhões o gasto em bebidas.

Já no Municipal a folia foi mais grossa. Sete mil pessoas pagaram ingressos (também a 6.000,00), num total de 42 milhões. Pelas gargantas ressequidas e alegres, acostumada ao bom trato da fina comida e bebidas, desceram 30.000 doses de uísque, que, cobrados a 350,00, representaram um gasto de mais de 10 milhões.

Total dos dois bailes, só em ingresso e uísque: 72 milhões de cruzeiros.

Há ainda, um detalhe curioso no Municipal. Dos 24.000 talheres usados na orgia, 5% desapareceram. O responsável pelo serviço de comedorias apressou-se em dizer que os 1.200 talheres não foram roubados. Foram guardados como "souvenir", palavra francesa, que significa "lembrança", e tam-

bém, no caso, roubo de ladrão granfino.

MORTALIDADE

A média de vida do povo brasileiro mal chega aos quarenta e seis anos. No campo, ela é inferior a 40. E a velhice aos trinta anos, consumida no trabalho brutal, semi-escravo, carente de alimentação, repouso, remédios.

Em 1954, dizia a Comissão Nacional de Alimentação: "Entre as próprias endemias rurais assinala-se, distintamente, a presença de carencias nutritivas, porquanto a opilação, esta sangria continua a que está submetida a grande massa de nossos rurícolas, no conceito da moderna ciência médica brasileira, é fundamentalmente determinada pela deficiência de ferro necessário à construção dos glóbulos vermelhos".

O Anuário Estatístico do IBGE (1958) denuncia a morte de 171 crianças brasileiras (em 1.000) antes de completar um ano de idade. Em entrevista ao "Jornal do Brasil", de 11 de março, o governador Aluísio Alves do Rio Grande do Norte, afirmou que em seu Estado morrem 428 crianças para um grupo de 1.000 nascidas vivas. E o índice de mortalidade infantil na capital, onde os concentram os maiores reclusos do Estado, atinge a 32%.

O uísque é uma excelente bebida. Além de seu fino

paladar, afasta das mentes esses pequenos problemas de uma plebe que nada tem em comum com quem o bebe.

POLÍCIA

O tristemente famoso coronel Ardivino Barbosa tudo fez para tirar a péssima impressão do carnaval de 1961, quando, pessoalmente, gastou o carnaval empacando folhões. Este ano, não. Este ano o coronel Ardivino passou em belas companhias esbaldou-se no Municipal e no Copacabana Palace.

Seu chefe, Segadas Viana, também tratou de coisas mais amenas. Foi membro do júri que premiou as riquíssimas fantasias do Copacabana.

Os comandados do sr. Segadas Viana e do cel. Ardivino Barbosa esbaldaram-se de outro modo. De cassete em punho, esbordaram a valer os que não puderam pagar 6.000,00 por um convite.

Apanharam os que quiseram assistir ao desfile das Escolas de Samba (carnaval sadio) na Av. Rio Branco.

Apanharam os que cantaram os sambas e as marchas relatando o governo do retirado de Brocoio.

Apanharam os rapazes do bloco "Chave de Ouro", cuja saída na quarta-feira de cinzas já é uma tradição do carnaval carioca.

CORREIAS

Correias é uma cidadezinha no Estado do Rio, distante poucos quilômetros de Petropolis. Seu clima é excelente, recomendável para os que sofrem deficiências pulmonares.

Tão bom e o local, que basta dizer que, entre outros figuras, lá tem casa de campo: Carlos Lacerda, Rogério Marinho, Barão de Saavedra, Moreira Sales, Gustavo Corção, Guilherme Romano, Dido Souza Campos.

Jacinto de Thormes, cronista social muito imbuído com essa gente, conta que um deles, o José Colagrossi, organizou em seu palacete de fins de semana, naquelas redondezas, uma festança, da qual fornece alguns detalhes: "foram expedidos 500 convites para casal, isto é, mil convidados...". Sabem-se que o sr. Colagrossi tinha em estoque cerca de 1.400 garrafas de uísque e 500 touros foram certamente consumidas. Um enorme galpão de uns 500 metros quadrados foi armado, arrumadas mesas e pistas de dança. Em cada mesa, uísque, guaraná, coca-cola, cachorro-quente. Em cada extremidade um bar, e depois da meia-noite serviram uma ceia".

Se o sr. Colagrossi não beber imediatamente os 900 garrafas de uísque que sobram da orgia, aquela gente pode querer provar.

bres onde a fome e a miséria são agressivas. Entre os moradores de melhor sorte figuram os caseiros, homens que tomam conta dos citados palacetes. Cuidam dos terrenos, dos jardins, dos cavalos. Mantém a casa limpa para os proprietários, que quando muito le aparecem, e uma vez por semana. As mulheres dos caseiros servem de cozinheira e lavadeira para os patrões. Por tudo isso, o caseiro recebe, sem uma remuneração direta para sua mulher, uma quantia mensal quando muito equivalente ao salário mínimo.

Há outro carnaval em Correias. O carnaval dos habitantes. É um espetáculo deprimente, de mendicância. Inúmeras crianças fantasiam-se de trapos, cobrem o rosto com uma máscara, e saem esmolando com o pandeiro.

Se o sr. Colagrossi não beber imediatamente os 900 garrafas de uísque que sobram da orgia, aquela gente pode querer provar.

AUTORIDADES

Alguém que não conheça o Brasil poderá estranhar esses contrastes e perguntar pelas autoridades. Devem estar preocupadas, pensando que enquanto alguns se seus súditos e de Momo, consomem rios de uísque, outros, na atual seca que assola o Nordeste, alimentam-se da polpa do mandacaru.

Bem, o presidente da República aproveitou a folia para dar uma olhadela em seus latifúndios no Rio Grande do Sul.

O primeiro-ministro apareceu nas fotos em festa na capital da República, cercado de palhaços.

O ministro da Marinha circulei muito pelos salões do Copacabana.

Senadores, deputados, idem.

Destoou a Câmara Municipal de Recife, que aprovou um voto de pesar pela realização dos desfiles de fantasias para que "a situação de miséria de grande parte da população da capital pernambucana não seja afrontada com o esbanjamento de grandes importâncias dispendidas na aquisição de vestuários carnavalescos e outras formas de ostentação de riqueza".

CARNAVAL

O carnaval tem também outra face. É a sadia, de um povo que sofre durante o ano inteiro, ainda encontra reservas de alegria para expandir durante os três dias da maior festa popular brasileira.

Este lado subsistirá sempre, e não será, no futuro, necessário sofrer e economizar tanto durante o ano todo. Esse carnaval será revigorado quando o outro for enterrado, com todas as suas perdas de sociedade em decomposição, com todas as suas Alianças, orgias espidas sobre a miséria e o traído do povo.



FOLIÃO

O embaixador norte-americano passou o ano inteiro preocupado com as populações nordestinas brasileiras. Sua miséria poderia tornar-se explosiva a qualquer momento. Era preciso bolar um jeito de mostrar que os dólares da Aliança para o Progresso sal-

variavam o Brasil. Um esforço sobre-humano. Muito difícil encontrar um meio de continuar um engodo já tão desmascarado. Mister Gordon largou tudo e saiu por aí. Foi jogar confeti e aplaudir os que aplicaram milhões de cruzeiros em fantasias.

NOVOS RUMOS



BACANAL

A alta sociedade no carnaval modifica um pouco seu comportamento. As bacanais são públicas. A bebedeira e o resto são feitos à vista de todos, os instintos menos

confessáveis ficam à solta. Fantasias de romano é uma coincidência bastante simbólica. Quando Roma estava ruindo, as classes dirigentes viviam também esses car-

navais que no Brasil só vêm a público durante três dias, embora seja uma permanente que de vez em quando pode ser surpreendida nas entrelinhas dos cronistas sociais.